

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**

**VITÓRIA ARAÚJO FERRI**

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE INVESTIMENTOS NO  
MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE/RS: entraves para o ingresso de novas investidoras**

**Porto Alegre  
2023**

**VITÓRIA ARAÚJO FERRI**

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE INVESTIMENTOS NO  
MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE/RS: entraves para o ingresso de novas investidoras**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Maciel Reichert

**Porto Alegre**  
**2023**

VITÓRIA ARAÚJO FERRI

PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE INVESTIMENTOS NO MUNICÍPIO  
DE PORTO ALEGRE/RS: entraves para o ingresso de novas investidoras

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Administração.

Porto Alegre

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª Fernanda Maciel Reichert

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Doutoranda Ana Mônica Fitz de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, sendo este um trabalho direcionado para mulheres, não poderia começar sem agradecer a mulher que me ensinou pelo exemplo a ir atrás de todas as coisas que desejo e a buscar autonomia. Tenho orgulho de estar cada dia mais parecida contigo!

Ao meu pai, que é um exemplo de dedicação profissional, obrigada por todas as conversas boas e aprendizados sobre a vida.

Mãe e Pai, vocês fizeram de mim quem eu sou hoje. Obrigada pelo carinho, confiança e apoio incondicional de sempre.

À Paula, minha namorada e parceira nas aventuras da vida, obrigada por sempre estar ao meu lado, por trazer sorrisos diários e por tornar cada dia mais leve e feliz.

À toda a minha família - especialmente aos meus avós. Às minhas avós Gelsi e Mercês, mulheres que viveram sua juventude em tempos tão diferentes do meu, mas que sempre me ensinaram muito sobre viver. Ao meu avô Mário, dizem que poucas pessoas gostavam tanto de mim quanto você, então, onde quer que esteja, tenho certeza que sempre esteve olhando por mim, obrigada! Ao meu avô Pedro, minha principal referência sobre o que significa ser organizada financeiramente, te admiro por ter conseguido chegar onde chegou através do trabalho e das economias.

Aos meus amigos do Israelita, da faculdade e da Capoeira. Essa jornada não teria sido a mesma sem cada um de vocês. Obrigada por todos os momentos compartilhados. Que continuemos a crescer e a nos apoiar ao longo da vida!

À UFRGS, agradeço pela educação pública de qualidade que me proporcionou durante esses 5 anos de curso.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Maciel Reichert, nossos encontros durante a construção desse trabalho foram essenciais para que os objetivos fossem alcançados. Agradeço por estar sempre disponível e pela atenção de sempre.

*"O dinheiro é uma ferramenta de poder, e as mulheres devem saber como usá-lo."*

(Oprah Winfrey)

## RESUMO

O presente estudo buscou identificar os principais entraves que têm impedido as mulheres não investidoras da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, de ingressarem no mercado de investimentos. Apesar do aumento considerável de iniciativas tanto públicas quanto privadas direcionadas a esse público nos últimos anos, a disparidade de gênero ainda persiste no contexto do mercado de investimentos. Sendo assim, esta pesquisa discutiu o tema, apresentou conceitos extraídos da literatura para delinear as dimensões investigativas pertinentes e através de uma abordagem de pesquisa mista, que combina elementos quantitativos e qualitativos, foram coletados dados com o propósito de traçar um perfil com potencial para o investimento. Além disso, a pesquisa buscou compreender o comportamento atual das mulheres em relação a esse tema e, com base nos resultados obtidos, sugerir estratégias empresariais viáveis para reduzir os entraves identificados. Os resultados apontam que fatores cruciais que afetam a disposição das mulheres para adentrar o mercado financeiro incluem a falta de conhecimento e orientação adequados, o receio associado aos riscos envolvidos e a ausência de interesse pelo campo das finanças.

**Palavras-chave:** Gênero; Mulheres; Investimentos; Finanças; Entraves.

## **ABSTRACT**

The present study aimed to identify the main obstacles that have prevented non-investing women in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, from entering the investment market. Despite the significant increase in public and private initiatives aimed at this audience in recent years, gender disparity still persists in the context of the investment market. Therefore, this research discussed the theme, presented concepts extracted from the literature to outline the relevant investigative dimensions and, through a mixed research approach, which combines quantitative and qualitative elements, data were collected with the purpose of drawing a profile with potential for investment. Furthermore, the research sought to understand the current behavior of women in relation to the topic and, from the results obtained, to suggest viable business strategies to reduce the identified barriers. The results indicate that the crucial factors affecting women's willingness to enter the financial market include lack of adequate knowledge, guidance, interest in the area of finance and fear associated with the risks involved.

**Keywords:** Gender; Women; Investments; Finance; Obstacles.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Participação de homens e mulheres na B3.....	23
Quadro 1 — Dimensões e resumo dos pressupostos acerca do baixo número de mulheres investidoras.....	24
Figura 2 — Fluxograma da pesquisa quantitativa.....	34
Figura 3 — Faixa etária das respondentes da pesquisa quantitativa.....	34
Figura 4 — Raça das respondentes da pesquisa quantitativa.....	35
Figura 5 — Escolaridade das respondentes da pesquisa quantitativa.....	35
Figura 6 — Estado civil das respondentes da pesquisa quantitativa.....	36
Figura 7 — Quantidade de dependentes das respondentes da pesquisa quantitativa.....	36
Figura 8 — Renda familiar das respondentes da pesquisa quantitativa.....	37
Figura 9 — Porcentagem de participação na renda familiar das respondentes da pesquisa quantitativa.....	37
Figura 10 — Percentual poupado mensalmente pelas respondentes da pesquisa quantitativa.....	38
Figura 11 — Média das respostas da pesquisa quantitativa.....	39
Figura 12 — Mediana das respostas da pesquisa quantitativa.....	39
Figura 13 — Desvio-padrão das respostas da pesquisa quantitativa.....	39
Quadro 2 — Resumo das informações das entrevistadas.....	41
Figura 14 — Resultados do teste de Mann-Whitney.....	43
Figura 15 — Correlação preguiça x raça (pesquisa quantitativa).....	44
Figura 16 — Correlação falta de conhecimento x raça (pesquisa quantitativa).....	44
Figura 17 — Resumo das análises da pesquisa quantitativa.....	46
Figura 18 — Resumo das correlações da pesquisa quantitativa.....	46
Figura 19 — Participação das respondentes da pesquisa quantitativa na renda familiar, em reais.....	47
Figura 20 — Número de participantes da pesquisa quantitativa que não souberam responder a questão sobre porcentagem de economia mensal.....	48

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANBIMA — Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais

ANOVA — Análise de variância

B3 — Bolsa de valores do Brasil

BNCC — Base Nacional Comum Curricular

CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Cemec — Centro de Estudos de Mercado de Capitais

Cnpq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPF — Cadastro de Pessoa Física

CVM — Comissão de Valores Mobiliários

FINRA — Investor Education Foundation

Fipe — Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

GFLEC — Global Financial Literacy Excellence Center

MEC — Ministério da Educação

OCDE — Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico

RAIS — Relação Anual de Informações Sociais

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

SCF — Survey of Consumer Finances

Sebrae — Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

TCC — Trabalho de Conclusão de Curso

UFRGS — Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1.1</b>	<b>Justificativa</b> .....	11
<b>1.2</b>	<b>Objetivos</b> .....	15
1.2.1	Objetivo geral .....	15
1.2.2	Objetivos específicos .....	15
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	17
<b>2.1</b>	<b>Gênero</b> .....	17
<b>2.2</b>	<b>Mercado Financeiro</b> .....	18
<b>2.3</b>	<b>Participação das mulheres como investidoras</b> .....	19
<b>2.4</b>	<b>Dimensões e pressupostos sobre o baixo número de mulheres investidoras</b> .	24
2.4.1	Experiência ruim com o mercado .....	25
2.4.2	Falta de conhecimento .....	26
2.4.3	Falta de dinheiro .....	27
2.4.4	Falta de interesse .....	28
2.4.5	Medo de arriscar .....	28
2.4.6	Preguiça .....	29
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	31
<b>3.1</b>	<b>Pesquisa quantitativa</b> .....	31
3.1.1	Perfil da amostra .....	33
<b>3.2</b>	<b>Pesquisa qualitativa</b> .....	40
3.2.1	Perfil da amostra .....	40
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	42
<b>4.2</b>	<b>Análise dos resultados da pesquisa quantitativa</b> .....	42
<b>4.3</b>	<b>Análise dos resultados da pesquisa qualitativa</b> .....	49
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES</b> .....	55

## 1 INTRODUÇÃO

No que tange ao tema do mercado de investimentos, nota-se que, em meados dos anos 2000, o mercado de investimentos nacional ainda era restrito e inacessível, sendo composto majoritariamente por bancos, segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE, [s.d.]). Além disso, de acordo com o *site* XP Educação (2022), naquela época, a crença disseminada era de que somente sujeitos com grandes reservas de capitais poderiam ingressar nesse mercado — o que evidencia a evolução da temática na atualidade, visto que patrimônios financeiros de menos de 50 reais já podem ser cotados para certos produtos. Tal evolução foi gradual, e diversas mudanças sociais conseguem justificar essa expansão, como: globalização, democratização da bolsa de valores, queda na taxa de juros, crescimento de *fintechs* e outras instituições financeiras, maior interesse do brasileiro pelo assunto, e bom nível de remuneração (XP EDUCAÇÃO, 2022).

No entanto, apesar desses avanços históricos, a participação entre gêneros ainda não é equânime, uma vez que ainda se trata de um mercado em que os homens seguem enquanto maioria (ARAÚJO, 2023). Neste trabalho, a palavra "gênero" será utilizada com um significado distinto de "sexo", conforme diferença esclarecida por Silva: “Gênero opõe-se, pois, a sexo: enquanto esse último fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo gênero refere-se aos aspectos socialmente construídos [...]” (SILVA, 2016, p. 91). Nesse sentido, questões relativas à própria formação da sociedade — calcada na lógica do patriarcado — surgem como explicações plausíveis para essa participação desigual, haja visto que, desde os primórdios, o papel designado ao homem foi o de “provedor do lar”, ao passo que as mulheres eram responsáveis pelos afazeres da casa (NARVAZ; KOLLER, 2006). Portanto, embora o tema da desigualdade de gênero tenha se mostrado em evidência nas últimas décadas, vê-se que essa almejada equiparidade ainda se mostra uma realidade distante no cenário brasileiro. A partir disso, urgem políticas públicas e privadas, que atuam não somente no intuito de aumentar a participação das mulheres na esfera econômica, como também em outras esferas da vida social, para que o tão difícil enfrentamento dessa questão social seja realizado de forma efetiva (ONU MULHERES, 2016).

Tendo-se em vista a relevância do tema apresentado, o presente trabalho tem, como objetivos, traçar um perfil de mulheres não investidoras com potencial para se tornarem investidoras na cidade de Porto Alegre, localizada no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil,

e investigar os principais motivos que as levam a não investir seu dinheiro. A compreensão dessas questões é fundamental para identificar as barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres nesse contexto, o que pode possibilitar o desenvolvimento de estratégias empresariais e políticas que promovam maior inclusão e igualdade de gênero nesse mercado.

## 1.1 Justificativa

Quanto à escolha da temática para o presente estudo, entende-se que a escolha do mercado de investimentos enquanto tema encontra respaldos no recente espaço conquistado por essa faceta da economia na sociedade brasileira, pois percebe-se que, nos últimos anos, principalmente após a pandemia do COVID-19 (GERMANO, 2022), diversas pessoas têm recorrido a novas formas de investimento, em busca de maior rentabilidade em suas economias, o que criou um fluxo notável de sujeitos adentrando o mercado de investimentos (MACHADO, 2023). Quanto aos fatores associados, há diversas razões que motivaram esse fluxo de interesse, como queda da taxa Selic (taxa básica de juros da economia brasileira), avanço das redes sociais e, até mesmo, o advento da pandemia da Covid-19 (MACHADO, 2023). Dentre as razões mencionadas, Machado (2023, p. 23) salienta que, no caso específico da bolsa de valores, o avanço da comunicação por meios digitais atuou como um dos principais disparadores da atenção dos brasileiros para os investimentos:

Nunca foi tanto falado de bolsa de valores no Brasil como agora. O mercado financeiro se tornou um assunto muito comum em meio a população brasileira devido a praticidade trazida pelas plataformas digitais, o grande acesso a informação, o interesse por educação financeira e aos inúmeros e recorrentes anúncios com promessas de lucros rápido no mercado financeiro que estão por toda parte atraindo cada vez mais brasileiros.

Também conforme mencionado, outra razão importante para esse despertar encontra respaldo na “poupança forçada” que parte dos cidadãos conseguiu acumular ao longo dos anos de 2020 e 2021, uma vez que o avanço da pandemia levou os brasileiros a guardarem pouco mais de R\$ 265 bilhões no segundo e no terceiro trimestre do ano de 2020, valor equivalente a 12% do consumo no período, durante o qual a B3 experimentou o maior número de investidores em sua história (CEMEC FIPE, 2023). Esse contexto, em que o nível de poupança dos brasileiros aumentou como resultado do *lockdown* devido à pandemia, pode ser explicado por dois motivos: o distanciamento social, que diminuiu o consumo de produtos e

serviços, e o cenário geral de incertezas na economia, no emprego e nos negócios, que fez com que as famílias guardarem mais seus recursos (MACHADO, 2023).

Compreendidas as razões para a relevância da investigação do mercado de investimentos na atualidade nacional, parte-se para a compreensão da escolha do recorte de gênero para o presente trabalho. Nessa lógica, é válido estudar esse tema pois, embora existam estudos sobre temáticas semelhantes, há uma lacuna na literatura acadêmica sobre os principais obstáculos que impedem as mulheres não investidoras de investir seu dinheiro, sobre a qual Collini (2014, p. 17) aponta que esse fato em si próprio já constitui rico objeto de análise:

A dificuldade em encontrar produção acadêmica que explorasse o mercado financeiro através de visões femininas compõe não somente o processo de pesquisa, mas também a análise, pois é ela própria uma evidência de que o tema é ainda pouco explorado.

Ademais, Joyce Anselmo (2013, p. 91), estudiosa da temática, alerta para os projetos societários que se encontram por trás desse interesse recente de investigar a inclusão feminina nesse mercado, uma vez que a educação financeira voltada a mulheres pode ser uma ferramenta de transformação social frente a séculos de invisibilização do recorte feminino nessa ambiência:

Mulheres e mercado financeiro não é um tema fortemente debatido nem por economistas, nem por sociólogos. Livros de autoajuda financeira, sites, palestras e cursos de educação financeira, direcionados exclusivamente ao público feminino fazem parte, hoje, de um projeto não só econômico, mas, também, de um projeto político, social e cultural.

Sobre essa lacuna encontrada nas bases de dados científicos, nota-se que, dentre os pouquíssimos estudos existentes, ao se realizar uma revisão bibliográfica de literatura, são praticamente inexistentes aqueles que se concentram nas mulheres que não investem, tendo sido encontrados poucos trabalhos acadêmicos brasileiros que abordassem a questão de gênero no mercado financeiro. Além disso, para a confecção deste trabalho, mesmo num sentido mais amplo, foi difícil encontrar artigos, pesquisas e teses que abordassem como o ambiente corporativo do mercado financeiro atrai e se relaciona com o público feminino que nele tenha interesse ou esteja inserido.

Dentre os raros trabalhos encontrados na base de dados de periódicos Capes-Cnpq para a realização desta pesquisa, o estudo de Collini (2014), intitulado de “Mulheres no

mercado financeiro: um olhar sob a ótica de gênero”, surgiu enquanto ponto de partida importante para a discussão da temática. Nesse estudo, a autora investiga os principais desafios das mulheres no desenvolvimento de uma carreira no mercado financeiro, sugerindo ações necessárias para a desconstrução de barreiras e ampliação desse espaço profissional, que “ainda se parece com um grande *boys club*” (COLLINI, 2014, p. 47).

Ademais, diversos estudos relativos ao perfil da mulher investidora, que se mostra mais conservador quando comparado ao perfil dos homens, têm sido realizados, como os trabalhos de Anselmo (2013) e de Lima (2022), que investigaram, nas realidades de São Paulo e de Brasília, respectivamente, o perfil e as questões principais que envolvem a participação feminina na ambiência dos investimentos financeiros. Essas pesquisas lançam luz sobre uma compreensão mais aprofundada dos fatores sociodemográficos e comportamentais das mulheres que já estão investindo nesses respectivos municípios, contribuindo para que pressupostos de possíveis entraves, como o “medo de arriscar”, fossem elencados. Contudo, conforme mencionado, a ausência de estudos que tivessem, como foco, as mulheres que ainda não investem e que são potenciais investidoras, ressalta o caráter oportuno da presente monografia.

Além disso, a necessidade de entendermos, de forma mais consistente, os atravessamentos do recorte de gênero no mercado de investimentos permite que as instituições possam refletir sobre melhores maneiras de promover uma maior participação feminina, o que torna este trabalho uma análise de respaldo para possíveis atuações públicas e privadas que tornem o mercado acessível e atraente para o público feminino. Isso é evidenciado por Pilagallo (2003, p. 80), que afirma: “[...] parece haver uma falha na comunicação das instituições financeiras com este público. Os bancos oferecem orientação, mas ela não basta ou não é suficientemente clara e acessível”. Dessa forma, ressalta-se que é fundamental identificar os principais desafios enfrentados pelo público-alvo, a fim de se criar estratégias que os reduzam, uma vez que, a partir dessa compreensão, será possível desenvolver ações efetivas, planos de comunicação e estratégias de negócio direcionados especificamente para atrair um número maior de investidoras. Um exemplo prático disso seria a implementação de um plano de comunicação integrado voltado para o público feminino, que abordasse suas necessidades, interesses e objetivos financeiros específicos.

Dentre as poucas experiências de sucesso de estratégias voltadas ao público feminino encontradas na literatura, nota-se a análise feita por Joyce Anselmo (2013) acerca do papel do programa “Mulheres em Ação”, criado em 2003 pela BM & FBovespa, que se voltou à

criação de cursos de educação financeira elaborados com o intuito de atrair mais mulheres investidoras para o mercado de ações. Nesses cursos, em que se trabalhava a ideia de que o investimento em bolsa é aquele que viabiliza a concretização de objetivos de longo prazo, a estratégia utilizada rendeu resultados frutíferos para esse mercado (ANSELMO, 2013).

Portanto, tal qual foi realizado na experiência supracitada, percebe-se que é possível criar um ambiente propício para o crescimento da participação feminina no mercado de investimentos, beneficiando tanto as investidoras quanto as instituições que as acolhem. Nessa perspectiva, a área de marketing pode ser bastante relevante na construção de conhecimento acerca da comunicação com esse público alvo, consoante Galão e Crescitelli (2015, p. 440):

[...] na perspectiva de marketing às organizações empenham-se na criação do conteúdo da mensagem da comunicação que será enviada para os públicos de interesse, utilizando, para isso, diferentes formas de comunicação, com o intuito de atingir um variado leque de objetivos: criar e manter um relacionamento, informar, persuadir ou conservar na memória do mercado a organização e/ou suas ofertas ou até mesmo reforçar sua imagem.

Nesse sentido, o presente estudo debruçou-se sobre a tarefa de traçar um perfil de mulheres que constitui um grupo de potenciais investidoras (no caso, mulheres que possuem interesse em investir, além de possuir os recursos para isso), esmiuçando os entraves que limitam o efetivo ingresso desse público nesse mercado. Dessa forma, tal análise poderá servir de base para a otimização das estratégias de marketing, vendas e atendimento, atuando como base sólida para a construção de mudanças comportamentais nesse contexto.

Enquanto razão final do presente trabalho, fundamenta-se o estudo como uma forma de elucidar maneiras de alcançar uma maior equidade de gênero na sociedade, sendo a reflexão acerca da participação feminina no mercado de investimentos importante para uma inclusão mais efetiva das mulheres na economia, uma vez que tal inclusão pode potencializar a emancipação e o empoderamento feminino, levando à transformação da mulher em um sujeito ativo na vida em sociedade, conforme Nussbaum (2012, p. 92): "a liberdade não é somente uma questão de ter direitos escritos no papel, exige estar em uma posição que lhe permita fazer uso desses direitos". Dessa forma, ao engajar-se no mercado de investimentos, as mulheres assumem um papel ativo na tomada de decisões financeiras e aumentam sua autonomia, o que contribui para sua participação plena na sociedade.

Ademais, destaca-se que, quando se fala de equidade de gênero neste trabalho, refere-se à “igualdade de direitos humanos e sociais entre mulheres e homens no respeito a suas diferenças biopsíquicas e incluindo a diversidade cultural, étnico/racial e de gerações” (VIEZZER, 2009, p. 86). Segundo o dicionário Michaelis (2023), a palavra equidade leva em conta o que se considera justo; disposição para reconhecer imparcialmente o direito de cada um. Isto é, equidade significa reconhecer que todos precisam de atenção, mas não necessariamente das mesmas formas de atendimento. Sendo assim, segundo a lógica desse conceito, ser tratado como igual não significa que homens e mulheres não têm diferenças, ainda que a maioria delas seja construída socialmente através de símbolos e significações, em vez disso, a questão é como aplicar tal significado às diferenças. Portanto, como o conceito de "equidade" aborda a questão da igualdade na diferença, optou-se por usá-lo neste trabalho.

Por fim, em virtude da necessidade de uma pesquisa com etapas de caráter qualitativo, fez-se necessária uma delimitação de local para a obtenção de uma amostra de participantes reduzida, que permitisse uma melhor análise do conteúdo dos achados encontrados. Tendo-se isso em vista, a escolha do município de Porto Alegre para escopo da pesquisa deu-se por dois motivos primordiais: o primeiro diz respeito ao fato de ser o município de residência da pesquisadora, o que facilitou a disseminação dos instrumentos da pesquisa e o contato com as participantes do projeto; e o segundo motivo foi a simplificação do processo de devolutiva dos resultados da pesquisa, uma vez que a pesquisadora pôde se utilizar de suas próprias redes de apoio para disseminar os achados e promover mudanças em um âmbito local.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo geral**

Identificar quais são os principais fatores que limitam a inserção de mais mulheres como investidoras no mercado de investimentos na realidade da cidade de Porto Alegre.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- Identificar quais marcadores sociodemográficos e comportamentais atuam como predispositores para a inserção das mulheres no mercado de investimentos;
- Investigar as percepções e as experiências das mulheres não investidoras;

- Revelar potenciais estratégias que empresas do mercado financeiro poderiam colocar em prática em prol de uma maior inserção das mulheres no mercado de investimentos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentados conceitos importantes para o entendimento do presente trabalho. Dessa forma, os objetivos serão contextualizar o assunto delimitado, expor parte do referencial teórico que embasa a pesquisa, e elencar discussões já realizadas sobre o tema deste estudo.

### 2.1 Gênero

A expressão gênero é definida como uma das categorias que diferencia socialmente as pessoas quanto ao sexo, ou seja, tratando-se, de acordo com a definição de Saltzman (1992), de um agrupamento de crenças que delimitam caracteres específicos atribuídos a ambos os sexos, determinando, sob esse viés, referências identitárias a cada um desses sexos (tais como direitos, espaços, condutas e atividades comuns). A partir dessa delimitação, portanto, nota-se que o conceito de gênero nada remete ao aspecto biológico e natural, bem como vê-se que essa definição está sujeita às transformações sociais que ocorrem ao longo das décadas.

Quando se trata de desigualdade de gênero, vê-se que tal desnivelamento ocorre quando existem privilégios de um gênero em detrimento de outro, sendo que, historicamente, a vontade dos homens sobrepôs-se à das mulheres, conforme se pode verificar a partir desta retrospectiva, feita pela autora Maria da Glória Garcia (2005, p. 76-77), que aborda as origens dessa desigualdade:

Da Grécia antiga, inventora da democracia, onde as mulheres não tinham voz, à velha Roma onde o direito criou raízes e logo atribuiu ao homem, enquanto *pater familiae*, o poder de vida e de morte sobre o todo familiar onde a mulher se inclui; da lei sálica que, por uma abusiva interpretação dos juristas medievos, exclui as mulheres da sucessão da coroa à total ausência do trabalho feminino na análise histórica e conseqüente olvido da sua importância para a evolução da humanidade; do esquecimento das mulheres nas revoluções liberais, lideradas pela americana e pela francesa, que, embora tenham como estandarte a igualdade, só permitiram que a sua história fosse escrita por homens ao ainda atual não reconhecimento de direitos fundamentais às mulheres na Líbia, no Irã e no Egito, entre outros; do antigo ritual hindu de queimar vivas as viúvas à mutilação genital feminina que permanece atual em alguns locais da África, é toda uma história triste de humilhação para a mulher que a viveu e de vergonha para o homem que a modelou e escreveu.

Com o transcorrer do tempo histórico, é notável que esse panorama social desigual foi sendo transformado, especialmente em virtude de inúmeras lutas do movimento feminista e

dos avanços culturais. Contudo, a desigualdade de gênero segue sendo um problema social relevante na atualidade nacional, mostrando-se presente — ainda que em diferentes níveis — em diferentes esferas societárias, regiões, classes sociais e econômicas da sociedade, segundo mostra o diagnóstico do Relatório Global de Desigualdade de Gênero (WORLD ECONOMIC FORUM, 2022), em que o Brasil ocupa a 94ª posição, de um total de 146 posições, no *ranking* geral global. Tal relatório utiliza quatro indicadores para avaliar a desigualdade de gênero: nível de escolaridade; saúde e sobrevivência; empoderamento político; e participação econômica e oportunidades. Além disso, quanto ao último indicador mencionado, nota-se que o caminho a ser trilhado em busca da igualdade ainda é longo, uma vez que a inserção feminina na esfera econômica é dificultada por diversos entraves.

## 2.2 Mercado Financeiro

De forma simplificada, o mercado financeiro é um ambiente para comercialização de produtos e operações de câmbio e de valores mobiliários. Dessa forma, para que as negociações aconteçam, diversas instituições precisam estar envolvidas, tanto para intermediação entre os agentes, quanto para regulação e fiscalização das operações realizadas (ANBIMA, 2018).

Quanto ao caso do Brasil, segundo Assaf Neto (2012), o mercado financeiro brasileiro possui uma vasta gama de instituições financeiras, as quais têm o objetivo principal de transferir recursos de agentes superavitários para agentes deficitários. Sendo assim, uma das principais funcionalidades do mercado financeiro é impulsionar o fluxo da economia, possibilitando o aproveitamento de oportunidades financeiras, o que ocorre a partir da interação entre o poupador — aquele que tem excesso de recurso — e o tomador — aquele que precisa de mais recurso do que possui (NETO, 2012).

Dessa maneira, de acordo com Carrete e Tavares (2019), o mercado financeiro pode ser dividido em quatro mercados distintos: monetário, de crédito, de câmbio e de capitais. De forma resumida, cada um desses mercados constitui-se conforme segue:

- Mercado monetário: visa ao controle e ao estabelecimento da liquidez monetária e da taxa de juros básica da economia, sendo, sua principal atuação, o controle da liquidez;

- Mercado de crédito: visa a suprir as necessidades de crédito para consumo e, tratando-se de empresas, do chamado “capital de giro”, sendo através desse mercado que instituições como bancos fazem financiamentos e concessões de crédito;
- Mercado de câmbio: visa a possibilitar as operações de conversões de moeda nacional em internacional e vice-versa; sendo importante para o comércio internacional e para a remessa de divisas, de forma que as instituições financeiras atuam nesse mercado para facilitar a troca de moedas estrangeiras;
- Mercado de capitais: visa a suprir as necessidades de troca de recursos entre agentes superavitários e demandantes de recursos, envolvendo operações de médio e longo prazo com títulos mobiliários emitidos pelas empresas, e sendo importante para o financiamento de projetos.

Esses mercados possuem um papel importante no processo de desenvolvimento econômico de uma sociedade, uma vez que é a partir da aproximação entre investidores e tomadores que é possível impulsionar o fluxo econômico, o que aumenta a produção, a eficiência da economia e o bem-estar da população (OLIVEIRA, 2009). Ademais, é a partir dessa aproximação que projetos pessoais e profissionais de indivíduos que estejam em busca de financiamento podem ser alcançados, e que aqueles que possuem recursos de sobra possam obter bonificações a partir de seus empréstimos, o que resulta em um processo mais eficiente e gerador de efeitos diretos sobre o patrimônio pessoal dos indivíduos (MISHKIN, 1998).

Por conseguinte, um dos papéis fundamentais dos mercados citados é possibilitar a transferência de fundos ou de recursos de pessoas que poupam em excesso para aquelas que têm recursos insuficientes e necessitam tomar emprestado (OLIVEIRA, 2009). Por fim, nota-se que quanto maior for a participação e eficácia desses mercados na canalização dos recursos entre poupadores e tomadores, maior será o seu impacto no desenvolvimento econômico de uma nação (WEBB; BRAHMA, 2015).

### **2.3 Participação das mulheres como investidoras**

Para analisar como se dá a participação feminina no mercado de investimentos, vale-se de uma breve revisão de literatura acerca dessa temática, de forma que, a seguir, serão apresentados dados estatísticos que abordam como o fenômeno tem ocorrido na realidade nacional.

A literatura nacional, nesse caso, demonstra achados de pesquisas congruentes com achados de produção científica estrangeiras. Dentre os achados da produção científica brasileira, desponta o artigo de Salles (2021, p. 8), que confirma determinadas diferenças no comportamento de homens e mulheres no mercado financeiro, uma vez que “mulheres investem menos, apresentam menor nível de educação financeira e possuem maior aversão a risco”. Muitos fatores podem explicar a análise feita pelo autor, especialmente no que diz respeito à emancipação financeira tardia da mulher na realidade brasileira, quanto ao que ele rememora que “o direito de trabalhar sem autorização do marido foi garantido em 1843. Já o de ter um Cadastro de Pessoa Física (CPF) e conta bancária independente do cônjuge apenas em 1962” (SALLES, 2021, p. 15).

Ainda sobre o tema da emancipação feminina recente, nota-se que, em meados do século XX, houve um aumento na representatividade das mulheres no mercado de trabalho, apesar de poucas mulheres trabalharem no setor financeiro brasileiro (LIMA, 2022). Tendo-se isso em vista, Castro (2018) examina as disparidades financeiras entre homens e mulheres no que concerne ao processo de entrada no mercado de trabalho, enfatizando questões como necessidade de dupla jornada de trabalho e cuidados com o lar e filhos, dentre outros fatores que têm impacto direto na renda e, portanto, na adesão aos investimentos.

A respeito da desigualdade percebida nos níveis de educação financeira, nota-se que esse fator responsável pela baixa adesão feminina ao mercado também se relaciona à forma como a sociedade capitalista se organiza a respeito do papel da mulher. Nessa lógica, vê-se que um dos pressupostos básicos da educação financeira — a importância da existência de uma reserva financeira —, muitas vezes, não é realizado pelas mulheres, conforme aponta Coelho (2016), que relaciona essa presente escassez da reserva financeira feminina aos mecanismos de organização da gestão financeira familiar da sociedade capitalista, demonstrando que as mulheres geralmente sacrificam mais bem-estar material e emocional do que os homens, em prol do funcionamento familiar, seja por causa da maior carga de trabalho, do conseqüente sacrifício do lazer próprio, ou, até mesmo, por sacrifício do consumo pessoal.

Em relação às motivações para a poupança de recursos e para ingresso no mercado financeiro daquelas mulheres que já são investidoras, Ribeiro e Rodriguez (2020) realizaram uma pesquisa elucidativa: segundo os autores, realizar metas específicas de curto ou médio prazo é uma das principais motivações para as mulheres, especialmente as mais jovens, começarem a economizar dinheiro e investir. Assim, apenas após a idade de trinta anos é que se percebe o "fator" da aposentadoria recebendo mais importância e, com o tempo, o foco e as

preocupações voltam-se para a segurança da família (RIBEIRO; RODRIGUEZ, 2020). Além disso, ainda na temática da educação financeira, os autores obtiveram conclusões acerca do que as participantes revelam de percepções próprias sobre o mercado e os supostos pré-requisitos necessários para o ingresso nele. Nessa lógica, foi percebido que ainda há muitas mulheres que acreditam que investir em ativos financeiros requer muito dinheiro (RIBEIRO; RODRIGUEZ, 2020). Ademais, no que tange à busca por conhecimento para investir, 61,6% das entrevistadas da pesquisa afirmaram recorrer à internet, livros e mídias sociais, vendo-se também que poucas buscam profissionais de investimentos (RIBEIRO; RODRIGUEZ, 2020).

Prosseguindo a análise da participação das mulheres nesse mercado, o tipo de investimento que cada gênero majoritariamente investe também constitui análise importante, uma vez que encontra respaldo no comportamento e no perfil dos investidores que decidem colocar seu capital no mercado de investimentos (RIBEIRO; RODRIGUEZ, 2020). Dessa forma, a maior aversão ao risco apresentada pelas mulheres também vai ao encontro do tipo de investimentos priorizados por elas (RIBEIRO; RODRIGUEZ, 2020, p. 54):

Os produtos mais presentes em carteira foram a poupança (61%) e a renda fixa privada (44%). Quando o foco muda para os produtos que as mesmas gostariam de ter em carteira caso tivessem mais dinheiro para investir, a situação muda de figura. Ações e fundos imobiliários assumem a liderança sendo apontado por 53% e 41% delas respectivamente.

Para as autoras, ao analisar essa aversão ao risco mencionada, as disparidades do papel da mulher frente à gerência familiar e as diferenças na inserção feminina no mercado de trabalho dispararam enquanto hipóteses plausíveis para o fenômeno em questão. Contudo, a aversão ao risco nem sempre desponta como um atributo negativo, conforme apontam Barber e Odean (2001), que realizaram uma pesquisa em 35000 domicílios nos Estados Unidos, de 1991 a 1997, para avaliar os portfólios de ações de homens e mulheres. Os resultados do estudo empírico mostraram que, embora as mulheres tenham portfólios e movimentações menores que dos homens, elas têm um retorno líquido maior que esses. Na explicação dos autores, parte desses resultados deve-se ao fato de que os homens seriam mais propensos a assumir riscos e realizar um volume maior de transações, superestimando o que sabem e subestimando os riscos, questões comportamentais que se mostraram ainda mais evidentes entre mulheres e homens solteiros. Isso possivelmente deve-se ao fato de que as mulheres casadas, teoricamente, têm menos aversão ao risco, já que seus parceiros influenciam suas decisões de investimento, conforme corroborado por Florez (2017), que salienta que, dentre

os motivos que levam as investidoras a terem um desempenho superior, desponta o fato de que mulheres realizam menos *day trade* (compras e vendas de ações dentro de um mesmo dia), gastando menos com as taxas de operações que diminuiriam seus resultados.

Além disso, também na averiguação de explicações para esse melhor resultado de investimentos feitos por mulheres, Rodriguez (2023) aponta que, mulheres são mais racionais e tomam menos decisões com base em “intuição” ou “pressentimento” do que os homens ao investir. Segundo essa lógica, parece que os homens tendem a estudar menos sobre os ativos que comprem ou vendem, enquanto as mulheres, por outro lado, costumam ponderar mais e tomar decisões calculadas, para determinar se manter seus ativos em carteira é ou não uma opção mais viável.

Finalizando a apresentação das possíveis hipóteses que poderiam explicar o motivo da aversão ao risco apresentar resultados mais profícuos nos rendimentos femininos, Fool e Lofton (2011), autores da obra “*Warren Buffett invests like a girl: and why you should too*”, sugerem que tal fenômeno se fundamenta no “invista no que você conhece”, um princípio fundamental defendido por renomados especialistas do mercado, como Peter Lynch e Warren Buffett. As mulheres, nesse contexto, seriam mais propensas a investir em mercados e negócios que conhecem e entendem, o que as torna mais preparadas para manter suas análises atualizadas (FOOL; LOFTON, 2011).

Realizadas as considerações iniciais acerca de como se dá o comportamento das mulheres no mercado de investimentos, e elencados os principais embasamentos científicos para os respectivos achados, parte-se para uma análise de caráter quantitativo de como ocorreu a inclusão feminina nesse mercado na atualidade nacional. Nesse contexto, nota-se um significativo aumento no número de investidores pessoa física, acompanhado pelo crescimento da participação das mulheres: em 2002, as mulheres representavam apenas 17,63% do total de pequenos investidores, porém, em 2022, esse número saltou para 33% (LEWGOY, 2023).

No entanto, esse mercado ainda é formado majoritariamente por homens, de forma que, no intuito de explicitar a existente desigualdade da participação feminina, fez-se um comparativo histórico entre a participação de homens e mulheres como investidores pessoas físicas na custódia da B3 (Figura 1). Tais informações foram retiradas do próprio *site* da B3, que é o ambiente de negociação para diversos ativos como ações e fundos imobiliários. Aqui, é importante ressaltar que os números de posição de 2023 foram extraídos na data de 30/06/2023, e devem variar até o final do ano em questão.

Figura 1 — Participação de homens e mulheres na B3

Ano	Masculino	Taxa Crescimento	% Total	Feminino	Taxa Crescimento	% Total
2013	440.727	-	74,8%	148.548	-	25,2%
2014	426.650	-3,2%	75,6%	137.912	-7,2%	24,4%
2015	424.977	-0,4%	76,2%	132.545	-3,9%	23,8%
2016	434.142	2,2%	76,9%	130.387	-1,6%	23,1%
2017	478.408	10,2%	77,1%	141.905	8,8%	22,9%
2018	634.413	32,6%	77,9%	179.561	26,5%	22,1%
2019	1.277.604	101,4%	76,7%	388.724	116,5%	23,3%
2020	2.385.136	86,7%	73,8%	848.591	118,3%	26,2%
2021	3.822.139	60,2%	76,8%	1.154.014	36,0%	23,2%
2022	4.505.153	17,9%	77,0%	1.342.010	16,3%	23,0%
2023	4.751.285	5,5%	76,9%	1.424.206	6,1%	23,1%

Fonte: elaborado pela autora, com base em B3 (2023).

Segundo os dados apresentados, as porcentagens evidenciam que, embora o crescimento do número de mulheres investidoras tenha sido grande do ponto de vista absoluto (1275658), acompanhando a tendência dos homens, a inserção dos gêneros ainda se dá de forma desigual, mostrando uma diferença de 3327079 CPFs cadastrados e uma queda de 2,1 pontos percentuais na taxa de participação de mulheres entre os anos de 2003 e 2023. Isso significa que, embora o número absoluto de mulheres investidoras tenha crescido, a sua representação percentual no total de pequenos investidores diminuiu.

Além disso, cabe apontar uma pesquisa de Almeida (2022), em que foi comparada a participação dos gêneros no mercado de investimentos em função da sua representatividade populacional. Nessa investigação, apontou-se que somente pouco mais de um quarto das brasileiras (28%) são investidoras, em contraste com um terço dos homens (34%), o que evidencia a baixa adesão desse gênero no mercado de investimentos. Ademais, também se percebeu que as mulheres concentram uma parte significativa do seu patrimônio (83%) na poupança, contra um percentual mais baixo dos homens (68%), sendo válido ressaltar quanto a isso que a poupança é considerada um tipo de investimento ruim pela maioria dos analistas financeiros, que apontam suas limitações em termos de rendimento e crescimento do capital ao longo do tempo, uma vez que sua rentabilidade é muito baixa e seu ganho real é próximo de zero ou negativo (INFOMONEY, 2022).

Assim, conclui-se que os homens ainda seguem como maioria nessa ambiência, sinalizando-se o desafio persistente de se aumentar a participação e a representatividade das

mulheres. Além disso, nota-se que outros fatores — como o tipo de investimento e o aporte de capitais que cada gênero, em média, coloca no mercado — também são cruciais para delimitar a diferencial participação feminina nesses espaços, evidenciando-se a complexidade da análise desse fenômeno.

## 2.4 Dimensões e pressupostos sobre o baixo número de mulheres investidoras

Ao se analisar a conjuntura da baixa adesão das mulheres no mercado de investimentos, há um conjunto de fatores que pode influenciar a tomada de decisão do público feminino em relação às finanças e ao ingresso nesse mercado. Dessa forma, algumas dimensões que podem justificar essa baixa participação serão detalhadas adiante.

Quadro 1 — Dimensões e resumo dos pressupostos acerca do baixo número de mulheres investidoras

Dimensões	Pressupostos	Referência
Experiência ruim com o mercado	Mulheres podem ter tido experiências negativas ou presenciado discriminação no mercado financeiro, o que pode desencorajá-las a ingressar nesse setor.	Bozza (2022); Cury (2013); Pinno <i>et al.</i> (2019); Redação Warren (2020); Saunders e Walter (1994); Wilner (2000)
Falta de conhecimento	A falta de acesso a informações relevantes e a educação financeira adequada pode desencorajar mulheres a começar a investir, pois isso causa insegurança em relação às escolhas e decisões a serem tomadas.	António Nóvoa (apud FORESTI; PEREIRA, 2000); Freitag (2009); GFLEC e pela FINRA (2020); Salles (2021)
Falta de dinheiro	Mulheres ainda enfrentam disparidades salariais e podem ter menos recursos financeiros disponíveis para investir, o que pode parecer um entrave para a maior adesão feminina ao mercado financeiro, pois existe uma crença de que é necessário muito dinheiro para isso.	ANBIMA (2022); Germano (2022); Gomes e Souza (2018); IBGE (2022)
Falta de interesse	Alguns estudos sugerem que, em média, mulheres tendem a demonstrar menos interesse em investir, o que pode ser atribuído a fatores sociais e culturais.	Maria (2021); Mendonça (2017); Savoia (1989)
Medo de arriscar	Estudos indicam que as mulheres tendem a ser menos propensas ao risco do que os homens, o que pode ocorrer devido a uma série de fatores,	BARSKY <i>et al.</i> (1997); ESTIMA (2018); FEDERAL RESERVE (2019); Itaú Unibanco (2019);

	que podem ser biológicos, sociais ou psicológicos.	KAHNEMAN; TVERSKY (1979); Social Finance Programme (2018)
Preguiça	Algumas mulheres podem evitar o mercado financeiro por uma percepção de alta complexidade e dificuldade associadas ao mercado, o que pode levar a relutância e falta de motivação para se aprofundar no assunto.	Milgram <i>et al.</i> (1995); Valentim (2006)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Para a definição das dimensões acima, alguns estudos foram levados em consideração, os quais serão abordados a seguir. Além disso, tais dimensões são relevantes para o presente estudo, uma vez que foram os fatores balizadores das hipóteses levantadas para explicar a baixa adesão feminina ao mercado financeiro. Por fim, essas hipóteses apresentaram-se fundamentais para a confecção dos instrumentos utilizados na pesquisa em questão, de forma que, nas próximas seções, serão aprofundadas as dimensões e pressupostos supracitados.

#### 2.4.1 Experiência ruim com o mercado

Historicamente, segundo um artigo de Pinno *et al.* (2019), o mercado financeiro é dominado por homens, principalmente em cargos de alta liderança. Nesse artigo, teve-se, como objetivo, analisar a participação feminina nos cargos de um banco e de uma cooperativa, vendo-se que, no primeiro caso, apenas 37,5% dos funcionários eram mulheres, com elas ocupando principalmente os cargos de caixa nas agências, enquanto que, no segundo caso, o percentual de mulheres já era de 61%, apesar de, novamente, a grande maioria delas estarem alocadas em níveis operacionais. Ademais, o estudo supracitado ainda destacou que não houve presença feminina em cargos de gerência ao longo do período estudado na cooperativa de crédito, revelando uma desigualdade de gênero nos níveis hierárquicos dessa instituição, uma vez que as mulheres estão concentradas em posições inferiores.

Essa discrepância de representatividade em posições-chave pode impactar a cultura organizacional e a maneira como os serviços financeiros são oferecidos, potencialmente resultando em experiências negativas para as clientes mulheres ou em discriminação. Além disso, a predominância masculina no mercado pode acarretar falta de empatia e de compreensão das necessidades específicas das mulheres, o que pode levar as mulheres a

perceber esse mercado enquanto uma ambiência estruturalmente machista e que reflete o cenário geral da sociedade atual (BOZZA, 2022).

Adicionalmente, é importante considerar-se que muitas pessoas, incluindo mulheres, podem ter enfrentado experiências financeiras desfavoráveis com profissionais desse mercado, uma vez que há diversos conflitos na relação entre investidor e instituição financeira que, muitas vezes, podem afetar a rentabilidade do primeiro (REDAÇÃO WARREN, 2020). Isso pode ocorrer devido à assimetria de conhecimento presente nessa relação, pois o investidor provavelmente não terá todos os elementos para avaliar se está sendo prejudicado (WILNER, 2000).

Apesar disso, essa assimetria não deveria ser frequente, já que é pela decisão conjunta de objetivos que a relação entre ambos os agentes pode chegar a patamares mais profícuos para ambas as partes, uma vez que, havendo conflito, o investidor perderá dinheiro (SAUNDERS; WALTER, 1994). Ainda assim, muitas vezes nota-se que esse desbalanço ainda prevalece nessas instituições, de forma que essa assimetria de conhecimento, quando somada à frequente divergência dos objetivos finais de cada parte da relação, pode acarretar situações desfavoráveis para uma ou ambas as partes, sendo um exemplo disso os agentes bancários, que buscam vender produtos pensando em altas comissões ou em atingir metas, sem ter um alinhamento com o cliente sobre esse fato (CURY, 2013). Similarmente, um assessor de investimentos pode estar mais focado em seus ganhos de curto prazo do que nos ganhos de longo prazo do cliente, resultando em recomendações inadequadas.

#### 2.4.2 Falta de conhecimento

Um estudo conduzido por Freitag (2009) na Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul revelou que jovens investidores de Porto Alegre e região metropolitana consideravam o conhecimento um fator essencial para começar a investir. Antigamente, a posse desse conhecimento estava restrita a pessoas que frequentassem a universidade ou que realizassem formações específicas no mercado financeiro, tornando esse setor inacessível para muitos. Contudo, nas últimas décadas, transformações culturais e avanços tecnológicos, bem como o acesso à internet e a popularização das redes sociais, permitiram que indivíduos adquirissem cada vez mais conhecimentos sobre investimentos, conforme mencionado por António Nóvoa (*apud* FORESTI; PEREIRA, 2000, p. 3):

Uma mudança absolutamente essencial é o fato de que, na sociedade atual, os conhecimentos existem em abundância. Anteriormente, a Universidade era o local onde os conhecimentos existiam e eram difundidos, mas hoje grande parte desse conhecimento não está mais limitado à Universidade. Encontra-se na Internet, nos meios de comunicação interativos e em muitos outros lugares.

Apesar desses avanços, o marcador de gênero ainda se faz presente em nossa sociedade, evidenciando que persiste uma disparidade de conhecimento sobre investimentos entre homens e mulheres, que possuem um menor nível de educação financeira (SALLES, 2021). Além disso, de acordo com dados coletados pelo GFLEC e pela FINRA (2020), as mulheres demonstraram um desempenho inferior aos homens quando questionadas sobre seus conhecimentos em investimentos: aproximadamente 40% das mulheres foram classificadas como tendo baixo conhecimento, enquanto apenas 26% dos homens obtiveram o mesmo resultado, enquanto que, por outro lado, em relação aos indivíduos com elevado conhecimento sobre investimentos, 21% eram homens, contra apenas 8% de mulheres. Nesse contexto, conclui-se que a falta de conhecimento pode se apresentar enquanto um entrave para a maior adesão das mulheres ao mercado de investimentos, uma vez que, sem conhecimento, essas podem sentir medo de arriscar a colocação de seus recursos em produtos com os quais não têm familiaridade.

### 2.4.3 Falta de dinheiro

De acordo com ANBIMA (2022), as condições financeiras foram o principal limitador para o investimento de mulheres, sendo apontadas por 71% das entrevistadas. Essa crença de que é preciso muito dinheiro para investir está em consonância com os achados de Germano (2022), que identificou que muitas mulheres ainda têm pouco conhecimento sobre investimentos, uma vez que, na atualidade, pequenos patrimônios já podem ser investidos. Além disso, as relações de gênero no universo do trabalho ainda são marcadas por assimetrias importantes quanto ao nível salarial<sup>1</sup> e ao acesso a posições de chefia, o que pode ser explicado, em grande parte, por uma cultura machista, na qual a persistência de hiatos salariais ocorre devido à discriminação formada na sociedade (GOMES; SOUZA, 2018). Sobre o assunto, segundo as últimas pesquisas do IBGE (2022) os homens recebem, atualmente no Brasil, salários 22% maiores que as mulheres.

---

<sup>1</sup>De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais do Ministério da Economia (BRASIL, 2021), a remuneração média em reais, em 2021, para o homem, era de R\$ 3.663,89, enquanto, para a mulher, era de R\$ 3.269,09 (10% inferior).

#### 2.4.4 Falta de interesse

A formação do interesse em determinados assuntos parece não estar conectada a fatores biológicos, mas a fatores culturais e sociais, além de experiências vivenciadas ao longo da vida, uma vez que os indivíduos são constantemente influenciados pela sociedade, a partir das suas relações, de forma que os interesses são despertados de forma individualizada e coletiva ao mesmo tempo. Esse raciocínio é apresentado por Savoia (1989, p. 55), para quem o processo de socialização do sujeito ocorre da seguinte maneira:

[...] o processo de socialização consiste em uma aprendizagem social, através da qual aprendemos comportamentos sociais considerados adequados ou não e que motivam os membros da própria sociedade a nos elogiar ou a nos punir.

Assim, é nessa realidade sociocultural, cercada por julgamentos de terceiros e por regulamentos não verbais, em que o indivíduo desenvolve seus interesses (SAVOIA, 1989). Além disso, quanto ao recorte de gênero, é comum observar que homens e mulheres são expostos a diferentes situações ao longo da vida, uma vez que, por exemplo, os meninos recebem brinquedos que estimulam noções de negócios, de competitividade e de tomada de decisões, enquanto as meninas são frequentemente direcionadas para brinquedos e atividades que enfatizam o cuidado, a empatia e outras habilidades sociais, consoante Mendonça (2017, p. 24):

Ao adotar uma perspectiva sócio-histórica e cultural do brincar, compreende-se a brincadeira como uma maneira que a criança utiliza para interpretar e reconstruir o mundo, sua cultura e suas relações. Nesse processo, evidenciam-se os modos de ser homem e de ser mulher que perpassam o imaginário e também a realidade dessas crianças. Assim, os momentos de brincadeira mostram-se como um momento rico para análises acerca dos scripts de gênero.

Tendo-se isso em vista, no contexto financeiro, os investimentos são frequentemente associados a características historicamente consideradas mais masculinas (MARIA, 2021), o que pode dificultar a formação de tal interesse pelas mulheres.

#### 2.4.5 Medo de arriscar

Diversos estudos apontam para uma postura mais conservadora das mulheres na hora de investir, em comparação com os homens, o que pode significar que essas possuem uma maior aversão ao risco (BARKSKY *et al.*, 1997). Dessa forma, elas tendem a optar por investimentos com retornos positivos e previsíveis, ao invés de aplicações financeiras mais arriscadas que envolvam possibilidades maiores de retorno (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979).

Ademais, de acordo com estudos mais recentes, como o realizado pela Social Finance Programme (2018), quando se trata de mulheres da geração *millennial*, verifica-se que a maioria delas possui recursos financeiros para investir, embora não o façam por ter medo. Ainda sobre isso, de acordo com um estudo conduzido pelo Itaú Unibanco (2019), a geração dos *millennials*, na época, representava 34% da população global, mostrando que o medo de arriscar pode ser um importante entrave a ser enfrentado para uma maior inserção de mulheres investidoras no mercado.

Aqui, é importante ressaltar que a falta de conhecimento e o medo de arriscar tendem a estar relacionados, visto que “pessoas que não possuem educação financeira dificilmente vão se arriscar num mercado desconhecido” (ESTIMA, 2018, p. 40-41). Portanto, à medida que as mulheres adquirem mais conhecimento sobre o mercado financeiro, é comum observar uma diminuição do medo de arriscar ao investir (FEDERAL RESERVE, 2019). Isso ocorre porque o conhecimento proporciona uma compreensão mais sólida sobre diferentes tipos de investimentos e estratégias de gestão de risco, o que leva a decisões mais fundamentadas e ao aumento da confiança na hora de investir.

#### 2.4.6 Preguiça

A preguiça é um fenômeno complexo, que pode ser definido de diversas maneiras: no contexto deste trabalho, a preguiça será aproximada do significado de procrastinação, considerando que “a procrastinação é um dos aspectos da preguiça, uma de suas manifestações” (VALENTIM, 2006, p. 12). Dessa forma, define-se procrastinação enquanto o ato de adiar tarefas ou compromissos, adiamentos esses de cujas consequências a preguiça compartilha, sendo importante ressaltar que, de forma geral, as duas palavras compartilham um elemento em comum: a baixa motivação para se realizar determinada atividade (VALENTIM, 2006).

Transpondo-se esse conceito para a temática do mercado financeiro, que é frequentemente percebido como um ambiente complexo e, por vezes, intimidante, supõe-se que é possível que muitos indivíduos possam acabar procrastinando o início dos investimentos ou, até mesmo, desistindo de investir. Isso pode se dar porque o mercado é visto como um espaço de difícil compreensão, que demanda diversos conhecimentos basais para um ingresso efetivo e seguro, de maneira que muitas mulheres podem sentir que não têm as habilidades ou o conhecimento necessário para isso, ficando desmotivadas para darem o passo inicial, conforme percebido em um estudo realizado com estudantes israelenses, que observou que a tendência à procrastinação e à falta de motivação é maior em relação a tarefas consideradas complexas ou desagradáveis (MILGRAM; MARSHEVSKY; SADEH, 1995).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Método em pesquisa, consoante Richardson (2012), implica a seleção de processos sistemáticos para descrever e explicar fenômenos, sendo, o propósito principal, descobrir soluções para questões e adquirir novos saberes, por meio da utilização de procedimentos científicos. Tendo-se isso em vista, o presente trabalho realizou uma pesquisa de natureza mista, constituindo-se de (CRESWELL; CLARK, 2013, p. 5):

A pesquisa de métodos mistos é um projeto de pesquisa com suposições filosóficas e também com métodos de investigação. Como uma metodologia, ela envolve suposições filosóficas que guiam a direção da coleta e da análise e a mistura das abordagens qualitativa e quantitativa em muitas fases do processo da pesquisa. Como um método, ela se concentra em coletar, analisar e misturar dados quantitativos e qualitativos em um único estudo ou uma série de estudos. Em combinação, proporciona um melhor entendimento dos problemas de pesquisa do que cada uma das abordagens isoladamente.

Nesse sentido, essa abordagem é um tipo de investigação que: coleta e analisa dados qualitativos e quantitativos, com base nas questões da pesquisa; mistura os dois tipos de dados de forma sequencial; e aplica esses procedimentos em um único estudo.

Tendo-se isso em vista, neste capítulo, serão descritas as etapas utilizadas para atingir os objetivos do trabalho. Inicialmente, será apresentada a metodologia de cada método escolhido e, em sequência, será apresentado os seus respectivos perfis amostrais.

#### **3.1 Pesquisa quantitativa**

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica, feita por meio de pesquisa em artigos científicos, livros e relatórios de instituições financeiras sobre os principais fatores que limitam uma maior participação feminina no mercado de investimentos e sobre temas correlacionados com a temática. Aqui, cabe ressaltar a importância da revisão da literatura como passo inicial da realização de qualquer tipo de pesquisa científica, conforme elucida Barros (2019, p. 1):

A ideia de uma Revisão Bibliográfica é enunciar alguns dos 'interlocutores' com os quais se travará o seu diálogo historiográfico e científico. Estes interlocutores constituirão parte da riqueza do trabalho, e não convém negligenciá-los. Por outro

lado, proceder a uma cuidadosa revisão da literatura já existente é evitar o constrangimento de repetir sem querer propostas já realizadas ou de acrescentar muito pouco ao conhecimento científico. A revisão da literatura já existente sobre determinado assunto poderá contribuir precisamente para apontar lacunas que o pesquisador poderá percorrer de maneira inovadora, além de funcionar como fonte de inspiração para o delineamento de um recorte temático original. Ao se elaborar esta revisão da literatura, a partir de um espírito crítico, poderão surgir ainda retificações, contestações, relocalizações do problema. A revisão bibliográfica, enfim, contribui para aperfeiçoar uma proposta temática inicial.

Dessa forma, a partir dessa pesquisa bibliográfica, foi desenvolvido um questionário (Apêndice A), que teve, como propósito, coletar informações para apoiar o direcionamento da próxima etapa da pesquisa, que seria qualitativa: a entrevista exploratória. Nesse sentido, o questionário foi conduzido como uma pesquisa descritiva, de caráter quantitativo, o que, segundo Michel (2005), é um método que utiliza a quantificação nas diferentes etapas de coleta e análise de dados, por meio de técnicas estatísticas, de forma que a pesquisa quantitativa busca obter resultados objetivos, fundamentados em variáveis predefinidas, que permitirão uma posterior análise da influência dessas variáveis sobre o tema.

A aplicação do questionário foi realizada de forma virtual, com o intuito de traçar um perfil composto por mulheres com potencial para investir. Além disso, buscou-se investigar como as dimensões citadas no capítulo anterior poderiam se aplicar à realidade das respondentes. Adicionalmente, o questionário incluiu perguntas de caráter sociodemográfico: idade, nível de escolaridade, renda, estado civil, e quantidade de dependentes.

Com o objetivo de avaliar a clareza do instrumento, a objetividade das perguntas e o tempo necessário para responder ao questionário, esse foi testado previamente com um grupo de 5 mulheres, cujas respostas serviram como base para ajustar o questionário final. A pesquisa na versão final foi aplicada por meio de uma plataforma online, utilizando o Google Forms, e sua divulgação ocorreu em grupos *online* e em redes sociais. Segundo Mota (2019, p. 373), o Google Forms apresenta-se como uma das melhores formas de difundir instrumentos associados às pesquisas acadêmicas, visto que:

A grande vantagem da utilização do Google Forms para a pesquisa, seja ela acadêmica ou de opinião, é a praticidade no processo de coleta das informações. O autor pode enviar para os respondentes via e-mail, ou através de um link, assim todos poderão responder de qualquer lugar. Algumas características do Google Forms são: a possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios.

Além disso, caracterizou-se a amostra de respondentes a partir da técnica da “Bola de Neve”, cujas principais implicações e definição são descritas por Vinuto (2014, p. 203):

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise.

A utilização dessa metodologia foi escolhida visando à obtenção de resultados rápidos e economicamente viáveis. Além disso, esse formato virtual é mais prático e conveniente para os participantes do estudo, podendo levar a melhores taxas de resposta (DEBOIS, 2017).

No início do questionário, as participantes foram informadas sobre a natureza da pesquisa e seus direitos como participantes. O questionário foi direcionado, sem critérios adicionais, a pessoas que se identificam com o gênero feminino, maiores de idade, não investidoras e que residiam na cidade de Porto Alegre.

Por fim, os dados coletados foram tabulados e analisados por meio de testes estatísticos. As avaliações foram realizadas usando os softwares estatísticos Jamovi e o Microsoft Power BI.

### 3.1.1 Perfil da amostra

Para manter a coerência com o objetivo principal do estudo, foram excluídas as pessoas que não se identificavam com o gênero feminino, além daquelas que já possuíam experiência prévia no mercado de investimentos. Além disso, é importante destacar que duas respondentes, ao final do questionário, indicaram que não gostariam de iniciar seus investimentos, mesmo em um cenário imaginado como não desafiador, de forma que seus casos também foram excluídos da amostra, indicando que, embora essa perspectiva seja minoritária, merece ser compreendida em profundidade em posterior estudo, pois lança luz sobre possíveis obstáculos subjacentes que possam desencorajar algumas mulheres a entrar no universo dos investimentos financeiros.

Abaixo, está o fluxograma das primeiras 3 perguntas do questionário que visaram excluir respondentes fora do público-alvo desejado (Figura 2). O número amostral final obtido foi de 71 respondentes, composto por pessoas que se identificam com o gênero feminino, moram em Porto Alegre, e que não investem, mas que gostariam de começar a investir seu dinheiro.

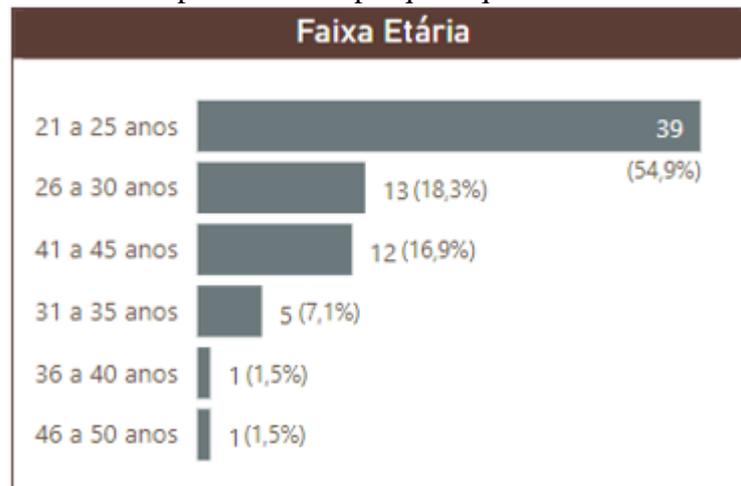
Figura 2 — Fluxograma da pesquisa quantitativa

<i>Estadística Descritiva - 1ª pergunta</i>	
Você se identifica com o gênero feminino e mora em Porto Alegre?	
Sim	
Não	
<i>Estadística Descritiva - 2ª pergunta</i>	
Você investe atualmente?	
Sim	
Não	
<i>Estadística Descritiva - 3ª pergunta</i>	
Você gostaria de começar a investir seu dinheiro para obter lucro maior sobre o valor guardado?	
Sim	
Não	

Fonte: elaborado pela autora (2023).

A faixa etária da amostra variou entre 21 e 50 anos, sendo que a maioria das participantes se encontrava na faixa de 21 a 30 anos, representando cerca de 73% do total. Isso indica que a pesquisa atraiu, principalmente, mulheres jovens em idade produtiva, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3 — Faixa etária das respondentes da pesquisa quantitativa

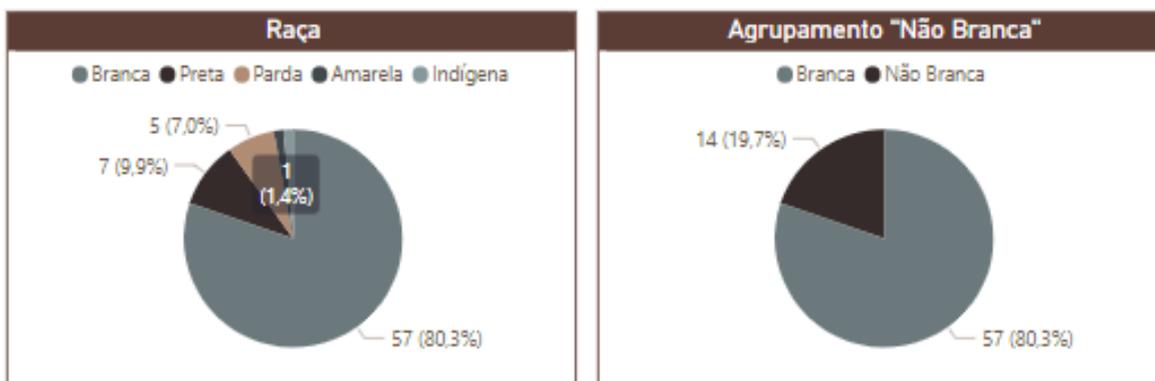


Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao serem questionadas sobre sua identificação racial — amarela, branca, indígena, parda, ou preta, conforme critérios do IBGE (2022) —, aproximadamente 80% das

respondentes se identificaram como brancas. Frente a isso, nota-se que a amostra distancia-se da realidade demográfica brasileira, uma vez que, conforme dados do IBGE (2022), 42,8% dos brasileiros se declararam como brancos, 45,3% como pardos, e 10,6% como pretos. Para posterior análise de correlação com as dimensões de entraves para o ingresso no mercado financeiro investigadas nesse trabalho, as pessoas que não se identificaram como brancas foram agrupadas em uma única categoria (“Não Branca”), a qual representa cerca de 20% da amostra, conforme Figura 4.

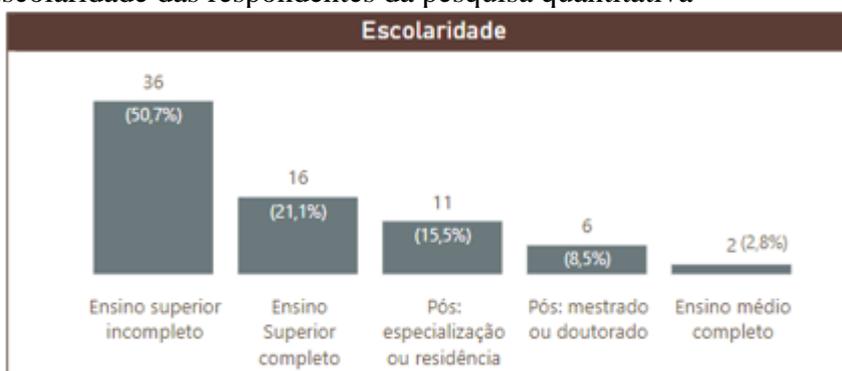
Figura 4 — Raça das respondentes da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quanto à escolaridade, a maioria das participantes possui ensino superior incompleto (51%), conforme demonstrado na Figura 5. Além disso, aproximadamente 46% da amostra já concluiu a graduação ou possui pós-graduação, o que indica que o público amostral apresenta um nível educacional relativamente elevado em comparação com a média nacional brasileira, que indica que apenas 21% dos jovens brasileiros entre 25 e 34 anos possuem ensino superior completo (OCDE, 2021).

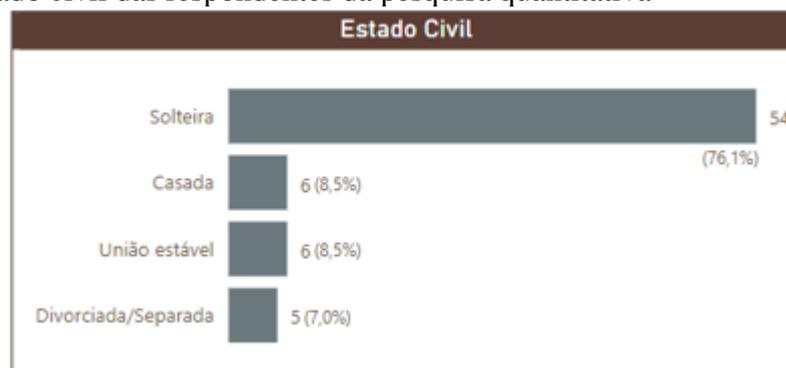
Figura 5 — Escolaridade das respondentes da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

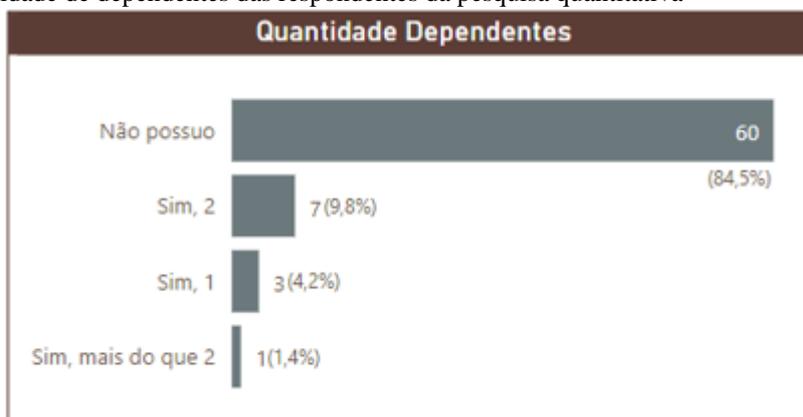
No que se refere ao estado civil (Figura 6), a maioria das participantes identificou-se como "solteira", o que representa 76% da amostra. Por outro lado, apenas 17% das respondentes são casadas ou vivem em união estável. Além disso, em relação à quantidade de dependentes, foi observada uma relação entre o estado civil e o número de dependentes, pois, no grupo de mulheres solteiras, apenas uma delas referiu possuir dependente (Figura 7).

Figura 6 — Estado civil das respondentes da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

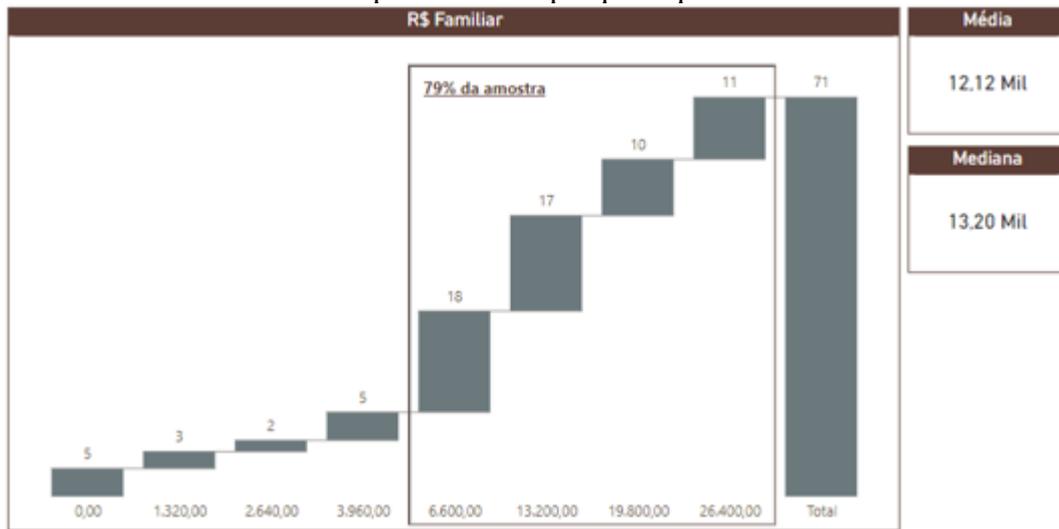
Figura 7 — Quantidade de dependentes das respondentes da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Em relação ao percentual de renda familiar, a amostra foi majoritariamente composta por mulheres que se encontram nas faixas de renda mensal familiar de "até R\$ 6600,00" a "até R\$ 26400,00", o que representa um total de 79% da amostra (Figura 8), o que possibilita a conclusão de que a maior parte da amostra faz parte das classes A e B (INFOMONEY, 2022). Ademais, um dado interessante é o fato de que 69% das participantes têm uma renda individual e que contribuem com mais de 20% da renda familiar (Figura 9), revelando a centralidade das mulheres respondentes na realidade econômica de seus domicílios.

Figura 8 — Renda familiar das respondentes da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Figura 9 — Porcentagem de participação na renda familiar das respondentes da pesquisa quantitativa

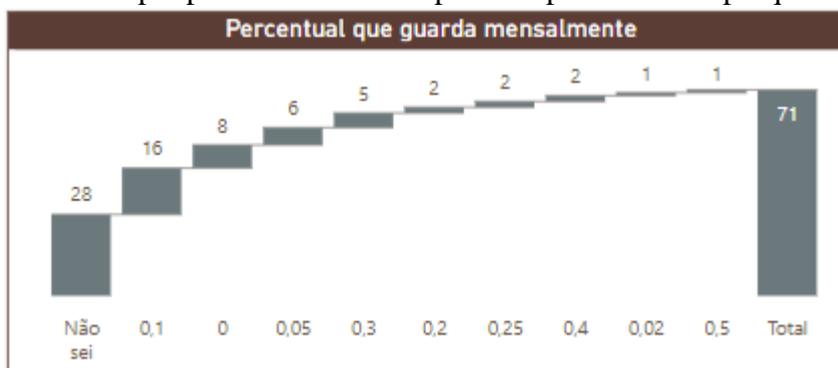
% Participação Renda Familiar	% da Amostra	Acumulado
100%	14%	-
75%	1%	15%
67%	7%	23%
60%	6%	28%
50%	8%	37%
40%	8%	45%
33%	4%	49%
30%	1%	51%
25%	3%	54%
20%	15%	69%
17%	1%	70%
15%	1%	72%
10%	4%	76%
0,3%	1%	77%
0,0%	23%	100%

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quanto ao percentual de dinheiro poupado mensalmente, a maior parte das participantes (28 mulheres) não sabia responder (Figura 10). Esse número representa 39% do

total amostral, o que aponta para uma possível falta de controle ou de análise das respondentes sobre as suas próprias situações financeiras.

Figura 10 — Percentual poupado mensalmente pelas respondentes da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao final do questionário, as dimensões exploradas foram investigadas, utilizando-se uma escala Likert de 5 itens, que, segundo Aguiar (2011, p. 2), permite evidenciar percepções relacionadas a um determinado fenômeno:

Escalas Likert são uma das escalas de autorrelato mais difundidas, consistindo em uma série de perguntas formuladas sobre o pesquisado, onde os respondentes escolhem uma dentre várias opções, normalmente cinco, sendo elas nomeadas como: Concordo muito, Concordo, Neutro/indiferente, Discordo e Discordo muito. Para ser considerada uma escala Likert, no entanto, é preciso que cada item seja apresentado sob forma de uma pergunta, com cada gradação como uma resposta possível.

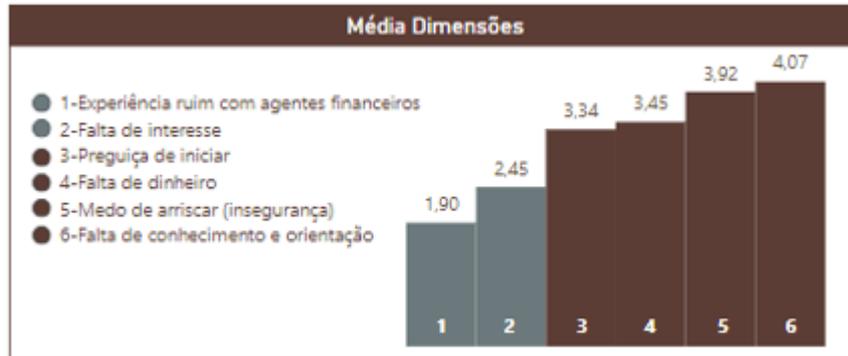
Conforme apresentado abaixo, as possíveis respostas à escala foram numeradas, para fins de facilitação da posterior análise dos resultados:

1. Discordo totalmente;
2. Discordo moderadamente;
3. Neutro (não concordo nem discordo);
4. Concordo moderadamente;
5. Concordo totalmente.

Além da numeração das possíveis respostas, as dimensões de possíveis entraves das mulheres no mercado financeiro também foram enumeradas ao longo das análises das respostas, o que foi feito para que os achados pudessem ser melhor representados

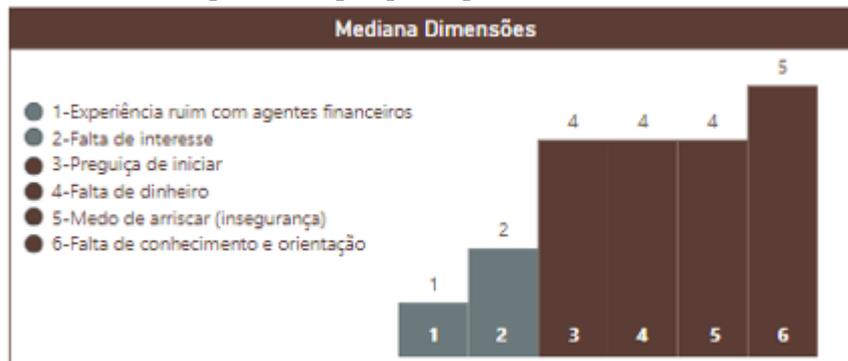
graficamente. Dessa forma, nas Figuras 11, 12 e 13, as dimensões estão elencadas, sendo apresentadas às informações de média, mediana e desvio-padrão das respostas das participantes.

Figura 11 — Média das respostas da pesquisa quantitativa



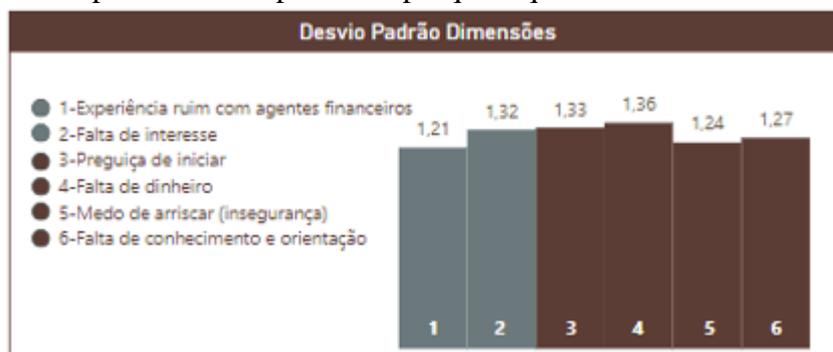
Fonte: elaborado pela autora (2023).

Figura 12 — Mediana das respostas da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Figura 13 — Desvio-padrão das respostas da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

As dimensões 1 e 2 (respectivamente, experiência ruim com agentes financeiros e falta de interesse), que estão destacadas em cinza no gráfico, não foram consideradas de forma

estatisticamente significativa como entrave pelas respondentes, tendo média e mediana abaixo do nível 3 (neutro/não concordo nem discordo). As outras dimensões obtiveram uma relevância maior, indicando que são entraves potencialmente significativos para enfrentar o desafio estudado. Por fim, o desvio-padrão das respostas ficou em torno de 1,3 para todas as dimensões.

### **3.2 Pesquisa qualitativa**

A pesquisa qualitativa distingue-se da abordagem quantitativa por não fazer uso de instrumentos estatísticos para a base da análise, sendo utilizada quando o objetivo é descrever a complexidade de um problema específico, sem envolver a manipulação de variáveis ou estudos experimentais (FLICK, 2009). Assim, ao contrário da abordagem quantitativa, a pesquisa qualitativa busca compreender todos os elementos de uma situação, promovendo uma visão holística do fenômeno estudado (STAKE, 2011).

Além disso, como afirmou Nielsen (2004), o emprego de estatísticas pode levar a análises simplistas, resultados aleatórios ou mensurações distorcidas, de forma que, no presente estudo, a abordagem qualitativa mostrou-se especialmente valiosa, para a obtenção de uma compreensão mais profunda dos números referentes às dimensões em estudo encontrados na etapa quantitativa, possibilitando a investigação acerca da questão central desse estudo na perspectiva do gênero feminino. Assim, a combinação dessas duas abordagens contribuiu para uma visão mais completa e robusta do problema, mitigando limitações e possíveis interpretações equivocadas decorrentes do uso exclusivo de uma única metodologia. Ademais, é importante destacar que o presente trabalho possui caráter exploratório, uma vez que, de acordo com Gil (2002), seu objetivo principal é o aprimoramento de ideias.

Nesta pesquisa, realizaram-se 7 entrevistas entre julho e agosto de 2023, com participantes pertencentes ao perfil definido após a análise dos resultados da pesquisa quantitativa. Essas entrevistas seguiram um roteiro estruturado (Apêndice B), mas permitiram também a exploração de aspectos que emergiram durante as interações. Na próxima seção, o perfil final da amostra será detalhado, assim como os principais resultados obtidos.

#### **3.2.1 Perfil da amostra**

O grupo de entrevistadas foi constituído por sete<sup>2</sup> mulheres, com as seguintes características: moradoras de Porto Alegre, na faixa etária de 23 a 48 anos, solteiras, sem dependentes (pois esses exercem influência significativa sobre a rotina e o perfil da mulher), com uma poupança mensal superior a 10% da renda mensal, e com profissões não relacionadas ao mercado financeiro. Além disso, foram selecionadas somente pessoas que aceitaram discutir sobre seus hábitos e sua relação com dinheiro.

Quanto à realização das entrevistas, três foram realizadas de forma presencial, enquanto o restante foi feito através da plataforma Google Meet. Para salvaguardar as identidades das entrevistadas, optou-se por utilizar identificações numeradas de 1 a 7 (Quadro 2).

Quadro 2 — Resumo das informações das entrevistadas

Identificação	Idade	Estado Civil	Dependentes	Raça	Renda Familiar	Economia Mensal
Entrevistada 1	23	Solteira	0	Não Branca	A	>0.10
Entrevistada 2	25	Solteira	0	Branca	B	>0.10
Entrevistada 3	25	Solteira	0	Não Branca	B	>0.10
Entrevistada 4	29	Solteira	0	Branca	A	>0.10
Entrevistada 5	32	Solteira	0	Não Branca	B	>0.10
Entrevistada 6	39	Solteira	0	Branca	A	>0.10
Entrevistada 7	48	Solteira	0	Branca	B	>0.10

Fonte: elaborado pela autora (2023).

<sup>2</sup>Não existe uma razão particular para a seleção do número sete; optou-se por este número para realizar e analisar as entrevistas dentro de um prazo adequado para a pesquisa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os principais achados e interpretações dos resultados obtidos em cada etapa deste estudo.

### 4.2 Análise dos resultados da pesquisa quantitativa

A presente pesquisa teve, como objetivo, alcançar uma amostra diversificada, composta por mulheres não investidoras da cidade de Porto Alegre. No entanto, é importante reconhecer as limitações inerentes ao método de amostra de pesquisa em "bola de neve" e às circunstâncias sociais da autora, o que resultou em uma amostra de participantes com considerável homogeneidade, a qual acabou por direcionar os objetivos do presente estudo a uma análise ainda mais focal de um grupo sociodemográfico específico de mulheres em nossa sociedade, configurando-se uma importante limitação que, contudo, deixa lacunas a serem preenchidas por análises futuras.

Frente aos achados, levando-se em consideração o perfil amostral homogêneo supracitado, algumas correlações entre variáveis sociodemográficas e dimensões de entraves investigados do mercado de investimentos mostraram-se mais relevantes. Por conta disso, somente as correlações com significância estatística<sup>3</sup> passaram a ser o objeto das análises seguintes do estudo, tanto no que diz respeito à discussão dos resultados obtidos por meio do formulário quanto para a seleção de respondentes para a etapa qualitativa posterior da pesquisa.

Anterior à explicação dos testes executados, cabe a menção de que duas dimensões de entraves das mulheres ao mercado financeiro foram excluídas da análise estatística: experiência ruim com agentes financeiros e falta de interesse. Tal exclusão justifica-se pelo fato de que essas dimensões se mostraram menos relevantes a partir da análise inicial dos dados obtidos com os questionários, o que abriu espaço para uma análise ainda mais aprofundada das outras dimensões.

---

<sup>3</sup>A relevância estatística dos testes foi verificada através da obtenção do valor-p. Em estatística, nota-se, conforme Ferreira e Patino (2015, p.1), que o valor p “é definido como a probabilidade de se observar um valor da estatística de teste maior ou igual ao encontrado”. Tradicionalmente, o valor de corte para rejeitar a hipótese nula é de 0,05, o que significa que, quando não há nenhuma diferença, um valor tão extremo para a estatística de teste é esperado em menos de 5% das vezes.

No entanto, também se vale ressaltar que essas dimensões ainda possuem relevância na perspectiva das instituições financeiras, uma vez que, notadamente, as participantes não associaram experiências negativas com agentes financeiros, e demonstraram interesse em investir. Esse aspecto é promissor para as instituições, visto que a ausência de uma imagem percebida negativamente e a presença de interesse podem representar potenciais oportunidades de expansão do mercado.

Ao se investigar as correlações entre as dimensões escolhidas para a próxima etapa da pesquisa e o perfil das respondentes, diferentes técnicas estatísticas foram utilizadas. O primeiro teste utilizado foi o teste de Mann-Whitney, para comparar se existe alguma relação entre as dimensões e a raça da participante, considerando os agrupamentos “branca” e “não branca”, uma vez que o teste de U de Mann-Whitney é uma ferramenta estatística não paramétrica amplamente utilizada para comparar duas amostras independentes e avaliar se há diferenças significativas entre elas (VIRGILLITO, 2017). Dessa forma, é um teste especialmente útil quando as condições necessárias para o uso de testes paramétricos, como o teste t de Student, não são atendidas. No caso da comparação em questão, não foi possível aplicar testes paramétricos porque a distribuição dos dados não possui distribuição normal, algo resolvido pelo teste de Mann-Whitney, uma vez que esse é adequado para dados ordinais e não exige a distribuição normal (STATKAT, 2023).

O teste identificou diferenças estatisticamente significativas entre os escores atribuídos aos agrupamentos “branca” e “não branca” nas dimensões de “falta de conhecimento e orientação” ( $p=0,022$ ) e “preguiça de iniciar” ( $p=0,004$ ), conforme Figura 14. Percebe-se aqui que as pessoas que se declararam brancas votaram em escores mais altos em relação às duas dimensões.

Figura 14 — Resultados do teste de Mann-Whitney

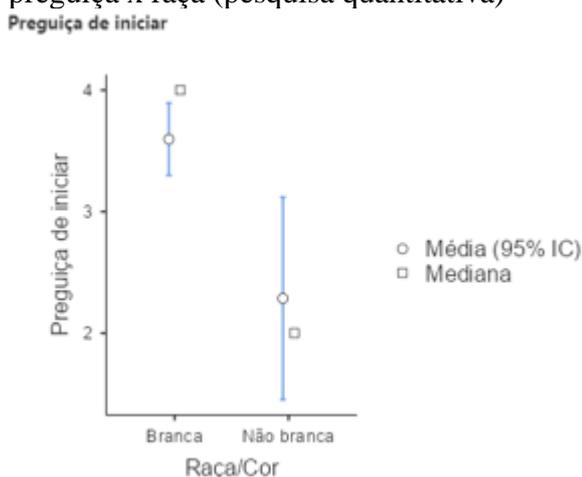
		Estatística	p
Falta de dinheiro	U de Mann-Whitney	300	0.141
Falta de conhecimento e orientação	U de Mann-Whitney	254	0.022
Medo de arriscar (insegurança)	U de Mann-Whitney	328	0.281
Falta de interesse	U de Mann-Whitney	300	0.140
Preguiça de iniciar	U de Mann-Whitney	206	0.004
Experiência ruim com agentes financeiros	U de Mann-Whitney	370	0.646

Nota.  $H_0: \mu_{Branca} = \mu_{Não\ branca}$

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Já ao se analisar os gráficos abaixo (Figuras 15 e 16), percebe-se que a mediana da dimensão “preguiça” para pessoas brancas ficou 2 pontos acima da das pessoas não brancas. Enquanto isso, para o fator “falta de conhecimento e orientação”, a diferença foi de 1,5 pontos, de forma que pessoas brancas ficaram com mediana em 5, enquanto pessoas não brancas em 3,5.

Figura 15 — Correlação preguiça x raça (pesquisa quantitativa)



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Figura 16 — Correlação falta de conhecimento x raça (pesquisa quantitativa)



Fonte: elaborado pela autora (2023).

A segunda análise feita foi entre as dimensões e as variáveis qualitativas nominais “estado civil”, “dependentes” e “instituição em que gostaria de investir”. Aqui, optou-se pelo teste de Kruskal-Wallis para a investigação, escolha justificada pela natureza das variáveis envolvidas, que são variáveis com mais de duas categorias: o estado civil da respondente, por exemplo, poderia ser solteira, casada, união estável, divorciada/separada ou viúva. Dessa

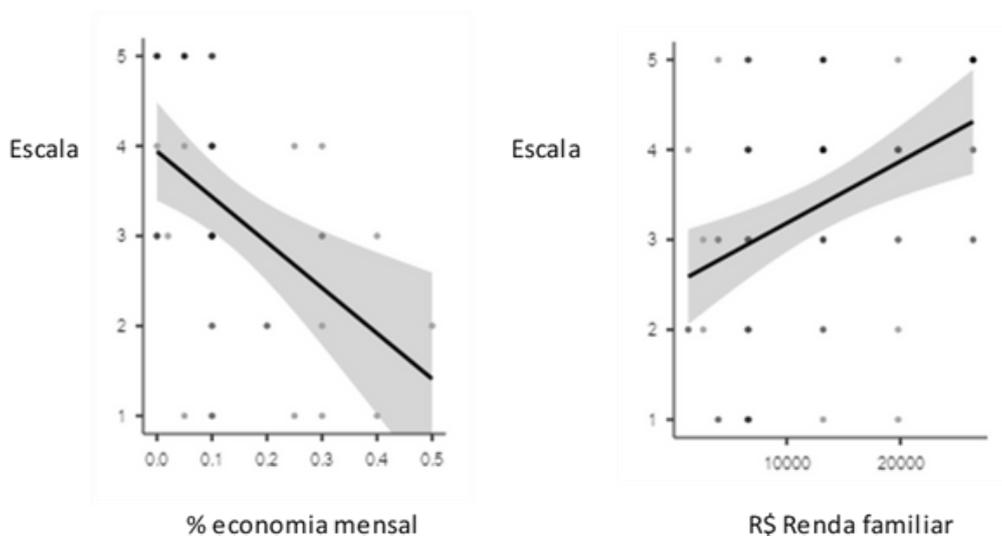
forma, dada a ausência de normalidade nos dados e a presença de múltiplas categorias, o teste de Kruskal-Wallis mostra-se apropriado, uma vez que é uma extensão não paramétrica da análise de variância (ANOVA), que lida com dados não normalmente distribuídos e avalia se há diferenças significativas entre as medianas das diferentes categorias (VIRGILLITO, 2017). Esse teste é calculado da mesma forma que o teste U, de Mann-Whitney, mas para um número maior de grupos. Na presente análise, após a aplicação do teste, não se observaram evidências significativas de associação entre as dimensões analisadas e as variáveis qualitativas nominais, o que indica a ausência de efeitos robustos ou de padrões claros que pudessem ser inferidos a partir dos dados disponíveis.

Por fim, para a comparação entre as dimensões e as variáveis quantitativas, foi utilizado o teste de correlação de Spearman, cujo coeficiente é uma estatística baseada em posições ordenadas, introduzida por Spearman em 1904 (SIEGEL; CASTELLAN JÚNIOR, 1988). Esse coeficiente exige que as variáveis supostamente correlacionadas sejam medidas em, pelo menos, uma escala ordinal. Dessa forma, no caso de variáveis quantitativas com distribuição conjunta diferente da distribuição normal bivariada, o coeficiente de correlação de Spearman pode ser uma alternativa viável para substituir o coeficiente de Pearson, sendo calculado da mesma forma (BAUER, 2007). Além disso, conforme a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu ([s.d.], p. 1):

O coeficiente  $\rho$  de Spearman mede a intensidade da relação entre variáveis ordinais. Usa, em vez do valor observado, apenas a ordem das observações. Deste modo, este coeficiente não é sensível a assimetrias na distribuição, nem à presença de outliers, não exigindo, portanto, que os dados provenham de duas populações normais.

Tendo-se isso em vista, o resultado achado foi de que pessoas que economizam mais mensalmente percebem a falta de dinheiro como um fator menos relevante, tendo uma correlação negativa moderada e  $\rho$  de Spearman de -0,498. Essa correlação apresenta uma coerência intuitiva, uma vez que a percepção de insuficiência financeira frequentemente é expressa por aqueles que enfrentam dificuldades frequentes para acumular economias e manter uma reserva financeira sólida. Adicionalmente, a partir do teste de Spearman, percebeu-se que, quanto mais renda familiar, mais preguiça parecem ter as respondentes, com uma correlação positiva moderada e um  $\rho$  de Spearman de 0,420. Essas correlações estão representadas nos gráficos abaixo (Figuras 17 e 18).

Figura 17 — Resumo das análises da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Figura 18 — Resumo das correlações da pesquisa quantitativa

Teste utilizado	Variáveis	Falta de conhecimento e orientação	Falta de dinheiro	Medo de arriscar (insegurança)	Preguiça de iniciar
Mann-Whitney	Raça	0,022*	0,141	0,281	0,004**
Kruskal-Wallis	Estado civil	0,971	0,748	0,582	0,166
	Dependentes	0,796	0,137	0,349	0,498
	Onde gostaria de investir	0,112	0,422	0,320	0,158
	Idade	0,073	0,392	0,648	0,525
Correlação de Spearman	Escolaridade	0,340	0,834	0,477	0,782
	Rendimentos individuais	0,776	0,344	0,793	0,191
	Rendimentos familiares	0,164	0,171	0,853	< 0,001***
	% de participação nos rendimentos familiares	0,101	0,670	0,350	0,072
	Economia mensal	0,871	< 0,001***	0,324	0,207

Nota. \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Sendo assim, os resultados demonstraram que, embora a maioria dos fatores não exerça influência significativa na escolha do escore das dimensões estudadas, essa aparente ausência de relação pode ser atribuída à significativa homogeneidade da amostra. Tais achados podem ser sugestivos de diferentes fenômenos sociais presentes na realidade brasileira, os quais merecem estudo e investigação aprofundados, uma vez que, nesse contexto, possíveis hipóteses para as explicações dos achados correm o risco de recair sobre terrenos simplistas e até mesmo estigmatizantes. Portanto, com o intuito de se ter uma

compreensão mais abrangente, buscou-se investigar correlações específicas durante a fase exploratória do estudo.

Além das correlações citadas anteriormente, outro achado importante advindo da análise da pesquisa quantitativa é que há uma significativa participação percentual das respondentes na composição da renda total das famílias, uma vez que, ao se focar exclusivamente nas mulheres que possuem renda mensal, observou-se que a maioria das respondentes contribui com aproximadamente 20% da renda total familiar. Além disso, ainda vale destacar que a média dessa contribuição foi calculada em 48%, refletindo uma alta participação financeira no âmbito familiar (Figura 19).

Figura 19 — Participação das respondentes da pesquisa quantitativa na renda familiar, em reais

Estatística Descritiva	
	Part R\$ Familiar
N	55
Média	48.1
Moda	20.0
25º percentil	20.0
50º percentil	40.0
75º percentil	67.0

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Esses dados corroboram os resultados de indicadores que demonstram o crescente protagonismo da mulher no atual mercado de trabalho, que se torna uma parte importante da sustentação financeira da família, sugerindo que as mulheres estão adquirindo autonomia e podendo participar de forma ativa das tomadas de decisões financeiras familiares (AMARAL e VIEIRA, 2009). Contudo, um dado alarmante resultante dessa pesquisa é a presença significativa de mulheres que não têm ciência da quantia exata que poupam, o que sugere possível falta de planejamento financeiro entre as entrevistadas. Essa preocupante tendência fica evidenciada na Figura 20, que apresenta que 28 participantes (39% da amostra) não souberam responder ao questionamento referente à parcela de economia mensal.

Figura 20 — Número de participantes da pesquisa quantitativa que não souberam responder a questão sobre porcentagem de economia mensal

Estatística Descritiva	
% Economia Mensal	
N	43
Omisso	28

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Assim, visto que o escopo da pesquisa não está direcionado ao planejamento financeiro, a etapa subsequente optou por se concentrar nas mulheres que possuem o hábito de poupar e que apresentam um entendimento mais aprofundado acerca do montante que estão reservando. Ademais, optou-se por concentrar a próxima fase em mulheres que pertencem às classes A e B, visto que a análise socioeconômica da amostra revelou que a maioria das participantes pertence a essas classes. Por fim, ressalta-se que não foi abordada, na pesquisa, a quantidade de indivíduos que vivem nas residências, informação que poderia fornecer insumos adicionais sobre o contexto financeiro, incluindo renda per capita familiar e dinâmicas presentes no ambiente familiar das mulheres estudadas.

Frente aos achados, as correlações estatisticamente relevantes supracitadas foram submetidas a um exame mais detalhado, por meio de entrevistas qualitativas conduzidas com as participantes. Esse enfoque, que será detalhado adiante, permitiu uma compreensão mais abrangente e aprofundada dos elementos subjacentes a essa correlação, contribuindo para o objetivo de efetivamente identificar estratégias mais eficazes para se mitigarem os desafios enfrentados pelas mulheres no contexto do mercado financeiro.

Por conseguinte, foi elaborado um perfil alvo para esta etapa qualitativa, o qual foi selecionado em virtude de duas razões fundamentais: a busca por um esboço bastante representativo da maioria da amostra e a busca por respondentes que pudessem elucidar, a partir de suas experiências da realidade, algumas das correlações estatisticamente relevantes encontradas. Tendo-se isso em vista, foi traçado o seguinte perfil:

- Faixa etária entre 21 e 50 anos;
- Classes sociais A e B;
- Estado civil solteiro e sem dependentes;
- Posse de uma reserva financeira mensal;
- Delimitação de raças em “brancas” e “não brancas”.

### 4.3 Análise dos resultados da pesquisa qualitativa

As entrevistadas mostraram que a falta de interesse pelo mercado não é um obstáculo significativo, demonstrando interesse em investir e compreendendo a importância desse hábito em suas vidas. Ademais, muitas delas mencionaram o impacto positivo que o investimento pode trazer para a vida financeira, pois esse possibilita retornos significativos e cria uma renda passiva, ou seja, ganho financeiro sem a necessidade de esforço adicional, conforme trechos abaixo:

Acho que em termos de ser um mercado atraente, é muito. Acho que qualquer um responderia que é muito, porque a gente vê várias pessoas na internet que falam sobre como investimento pode dar retorno e ser bom para a vida financeira (ENTREVISTADA 3, 2023, informação verbal).

Parece ser um estudo que compensa. Entendo que esse mercado compensa, porque é uma forma, pelo que eu vejo, de fazer uma renda passiva, uma coisa que se você estuda e consegue fazer boas escolhas, você tem uma renda extra sem ter que trabalhar a mais (ENTREVISTADA 6, 2023, informação verbal).

Eu acho que essa resposta pode parecer um pouquinho egoísta, mas eu acho que dinheiro tem muita importância e que todo mundo busca uma qualidade de vida em que possa se sentir confortável. Acho que investir é para isso principalmente (ENTREVISTADA 2, 2023, informação verbal).

No entanto, o mercado financeiro é frequentemente percebido como algo complexo e intimidante pela maioria das pessoas, pois envolve particularidades que dificultam o acesso e a compreensão dos diversos produtos e serviços de investimento. Segundo as entrevistadas, essa percepção é ampliada pela falta de conhecimento básico em finanças, tornando conceitos fundamentais, como economia, tipos de investimentos e funcionamento do mercado, algo distante de seu entendimento, o que acaba se tornando uma barreira significativa. Além disso, a dinamicidade do mercado financeiro foi vista também como um desafio adicional, uma vez que a rápida evolução tecnológica e a diversificação dos produtos de investimento podem se tornar complicadas para aqueles que não têm familiaridade com o setor, gerando um cenário que pode causar insegurança e receio, conforme trechos que seguem:

Como eu nunca parei para estudar, imagino que seja bastante complexo, por exemplo, entender o funcionamento da economia, coisas que eu não tenho base suficiente, nem sobre aspectos que eu acho que todos os cidadãos deveriam ter de

economia. Eu sinto que só tenho uma noção muito geral (ENTREVISTADA 6, 2023, informação verbal).

Em geral acho que é meio difícil começar a investir porque a gente não tem noções básicas de como funcionam os mercados, deveria ter na escola. Como funciona a economia em geral do país, por exemplo. Então, quando se fala em taxa de juros e que isso impacta alguma coisa em investimento, eu só aceito porque eu não entendo. Então acho complexo, parece um mercado muito dinâmico, difícil de entender e com muitos termos desconhecidos. Parece difícil começar porque eu tenho a sensação de que teria que aprender as coisas desde a base (ENTREVISTADA 1, 2023, informação verbal).

No momento em que foram questionadas sobre suas preferências de investimento em empresas específicas, ou se haviam notado alguma campanha publicitária que as chamasse a atenção, nenhuma das entrevistadas mencionou uma empresa em particular, o que pode sugerir que as empresas não estão direcionando esforços específicos para atrair o público-alvo desse estudo. Além disso, embora algumas empresas, como Nubank e Banco do Brasil, tenham sido citadas, é provável que isso se deva ao conceito de *top of mind*, que significa que essas marcas estão no topo das lembranças dos consumidores, sendo as primeiras marcas mencionadas em relação a alguma categoria (TYBOUT, 2013). Isso está de acordo com os achados do Grupo Amanhã (2023), que indicam que, no caso do Rio Grande do Sul, o Nubank e o Banco do Brasil figuram entre os cinco bancos ou bancos digitais mais conhecidos. Quanto aos conteúdos elaborados nesse parágrafo, seguem trechos das entrevistas:

No momento, nenhuma instituição me vem à cabeça, sei de algumas mais conhecidas como Nubank e Banco do Brasil, mas não conheço muito sobre a parte de investimentos delas, então teria que pesquisar para escolher ou, na verdade, acho que iria perguntar para algum amigo que entende do assunto (ENTREVISTADA 4, 2023, informação verbal).

Não tenho preferência por nenhuma empresa, acho que seria na que me desse mais benefícios. E sobre campanhas, agora não estou lembrando de ver nada muito chamativo na TV. Nas minhas redes sociais não aparece nada também (ENTREVISTADA 5, 2023, informação verbal).

Ao serem questionadas sobre características importantes para investir com instituições, as entrevistadas destacaram a confiança e a reputação como elementos decisivos:

A confiança é um fator crítico. Para mim, é importante que essas instituições sejam transparentes em relação aos produtos e serviços que oferecem e que atendam às necessidades dos clientes (ENTREVISTADA 5, 2023, informação verbal).

A reputação é o principal fator que considero ao avaliar qualquer instituição financeira, mesmo que seja em situações mais simples, como abrir uma conta bancária. (ENTREVISTADA 7, 2023, informação verbal).

Ainda sobre confiança, algumas entrevistadas relataram falta de paciência e desconfiança em relação às ofertas das instituições, cenário que evidencia as consequências do conflito de interesse no contexto financeiro. Além disso, a preocupação levantada é que algumas instituições financeiras possam priorizar suas vendas e objetivos próprios em detrimento das necessidades individuais dos clientes:

Sinceramente, quando algum banco liga ou tenta entrar no assunto investimentos, eu tenho muita pouca tolerância, nunca me interessa em saber, porque, de forma geral, eu sinto que o banco só quer vender um monte de coisa de qualquer forma. Pode até ser um produto bom, mas provavelmente eu não vou estar aberta a ouvir (ENTREVISTADA 7, 2023, informação verbal).

Ao investir, temos que ser um pouco cautelosos, pois há muitas instituições financeiras que não cumprem o que prometem, há golpes. Enfim deve-se fazer pesquisas sobre o assunto para descobrir o melhor lugar para deixar o seu dinheiro (ENTREVISTADA 6, 2023, informação verbal).

Ao serem perguntadas se já pensaram em começar a investir e por que ainda não começaram, nota-se que carreira, falta de tempo e incerteza sobre como começar foram fatores amplamente mencionados:

No momento, meu foco principal é minha carreira dentro da área de Marketing e outras atividades pessoais que mantenho fora do trabalho e exigem bastante tempo. Acabo não tendo muito tempo no dia a dia e nos momentos livres não priorizo isso, apesar de saber que é importante (ENTREVISTADA 4, 2023, informação verbal).

Eu, particularmente, acabei de me formar, literalmente acabei de me formar, então estou tendo muito trabalho, fazendo residência e não consigo pensar muito nisso (ENTREVISTADA 2, 2023, informação verbal).

Eu já cheguei a abrir uma conta para mim numa corretora de investimentos. Eu cheguei a colocar o dinheiro em conta, mas acabei não seguindo pela dificuldade de saber o que fazer (ENTREVISTADA 3, 2023, informação verbal).

Aqui, nota-se que a falta de tempo surgiu como um possível entrave, embora isso não tenha sido investigado na fase quantitativa da pesquisa, de forma que, de acordo com outra entrevistada, uma solução potencial para esse obstáculo poderia ser a terceirização do serviço de investimentos:

Tenho bastante trabalho e ainda tenho que dar conta da casa. Fazer tudo isso e ainda tirar o tempo que parece ser necessário para estudar essa temática é muito difícil.

Preferia que alguém fizesse pra mim (ENTREVISTADA 5, 2023, informação verbal).

Em relação aos entraves investigados, as entrevistas confirmam os resultados da pesquisa quantitativa, destacando que a falta de conhecimento é uma das principais barreiras enfrentadas pelas entrevistadas, a qual, ainda, tem um impacto significativo em duas outras dimensões: o medo de arriscar e a preguiça, pois as entrevistadas expressam que não possuem conhecimento suficiente — incluindo o entendimento sobre economia e investimentos — , o que gera insegurança, medo de assumir riscos e, até mesmo, uma certa resistência em lidar com o tema:

É importante a gente ter um conhecimento básico, talvez a educação financeira seja a que a gente menos trabalha ao longo da educação formal que a gente tem no colégio, enfim, eu não tive isso. Eu acho que a gente não é incentivado a falar disso, e daí a gente é jogado no mercado de trabalho e tem que aprender a lidar com o dinheiro na marra. Eu não faço ideia de como investir meu dinheiro (ENTREVISTADA 1, 2023, informação verbal).

O meu conhecimento de 0 a 10 é 1, 2, por aí... Eu não sei nada e com certeza me ajudaria muito, se eu já tivesse um nível basal de conhecimento e soubesse que era só um estudo de aprimoramento para saber se é melhor X ou Y, aí eu acho que eu começaria (ENTREVISTADA 2, 2023, informação verbal).

Em relação ao medo de arriscar, observa-se uma clara conexão com a falta de conhecimento, pois as participantes relataram que existem informações contraditórias na internet, o que aumenta seu receio em investimentos: “Tem muita informação na internet e muitas são contraditórias. Como eu não entendo muito, fica difícil saber em quem acreditar, o que acaba me dando medo de investir” (ENTREVISTADA 4, 2023, informação verbal). Além disso, elas têm ciência de que alguns ativos são mais voláteis, de forma que algumas relatam que preferem evitar investimentos nesses ativos, corroborando com estudos que indicam um maior conservadorismo entre o gênero feminino (BARSKY et al., 1997) (LIMA, 2022):

Acho que ações até envolvem o conhecimento político e coisas ainda maiores, de entender como é que está o funcionamento da economia, como é que estão as empresas. Como eu não tenho conhecimento, eu vejo que isso me dá um medo de arriscar, porque eu até teria interesse em saber colocar dinheiro em ações, sabendo que pode ser muito rentável, mas essa falta de conhecimento me daria medo de começar. O que falam é que com ações você pode perder tudo se for fazendo as coisas pela livre intuição (ENTREVISTADA 3, 2023, informação verbal).

Outro entrave importante mencionado pelas entrevistadas é a percepção de que é preciso possuir grandes quantias para começar a investir, o que muitas vezes leva ao adiamento desse processo: “Acredito que me motivaria mais a investir, se conseguisse guardar mais dinheiro. Atualmente não guardo muito e acabo achando pouco para começar” (ENTREVISTADA 1, 2023, informação verbal). No entanto, é importante ressaltar que uma das entrevistadas mencionou a empresa Warren, corretora de investimentos de Porto Alegre, que comunica a possibilidade de investir mesmo com quantias menores, desmistificando a noção de que o investimento é inacessível para pequenos poupadores.

Na TV lembro de ver propagandas daquela corretora Warren, que me chamou a atenção porque eles tinham esse discurso da acessibilidade, de descomplicar os investimentos e tornar mais factível para a realidade de todo mundo. Era uma pegada mais moderna (ENTREVISTADA 3, 2023, informação verbal).

No que diz respeito ao entrave da preguiça, as entrevistadas relataram que, de forma geral, reconhecem sentir um certo grau disso, afirmando também, porém, que esse sentimento está principalmente relacionado à dificuldade de se iniciar algo desconhecido e que requeira dedicação e tempo, o que acaba gerando falta de motivação:

Acredito que sim, tenho preguiça pra começar coisas que não gosto muito ou são muito complexas. Esse assunto parece muito difícil e acho que precisaria de muito esforço até entender o que fazer. São muitas taxas, tipos de investimentos, siglas difíceis. Por isso acabo adiando (ENTREVISTADA 4, 2023, informação verbal).

Em algum nível sim, mas como eu disse, acho que é motivado por a gente não ter nada de conhecimento, nem nada disso ao longo da vida. Tudo isso vai criando uma coisa que parece que esse tema é muito distante, que dá uma preguiça de começar (ENTREVISTADA 3, 2023, informação verbal).

Quanto a possíveis soluções para a redução das barreiras enfrentadas, foram mencionados cursos online, palestras e conteúdos específicos para diferentes públicos, como um guia que contivesse um passo a passo para investir:

Primeiro que hoje em dia as coisas estão muito digitais e é muito difícil conseguir parar um tempo pra pegar um livro e ler sobre isso. Obviamente já deve ter muita coisa boa produzida aí. Mas eu acho que hoje em dia essas coisas de cursos rápidos na internet que tu pagas um valor no curso, mas parcela o tempo que você vê, facilitaria para poder ver de qualquer lugar e poder ter o seu processo de estudo e demorar o tempo que precisasse (ENTREVISTADA 5, 2023, informação verbal).

Uma das coisas que eu vejo como legais que tem na área da saúde, mas principalmente na área da medicina, que é uma coisa fácil de fazer, são palestras e minicursos voltados para diferentes nichos. Eu vejo que algumas empresas que se

voltam para, por exemplo, investimentos para médicos formados: passo a passo inicial, opções que se tem para fazer, entre outras. Tipo, coisas que vão falar diretamente com a tua realidade, acho que também são mais interessantes porque não necessariamente eu tenho interesse em entender tudo sobre investimento (ENTREVISTADA 2, 2023, informação verbal).

Por fim, a pesquisa qualitativa revelou um padrão interessante entre as entrevistadas: embora essas mulheres demonstrassem um desejo de investir, nenhuma trabalhava na área financeira, e nenhuma realmente demonstrou ter interesse em entender e aprofundar seus conhecimentos sobre o mercado financeiro, preferindo sempre delegar essa responsabilidade a terceiros de confiança, sendo essa mais uma solução para o enfrentamento dos entraves: “Minha principal prioridade é minha carreira e sinto que não tenho muita disposição para entender sobre investimentos, por isso acabo deixando o dinheiro parado na conta” (ENTREVISTADA 6, 2023, informação verbal).

Esse achado sugere uma oportunidade de negócio para instituições financeiras, que poderiam criar estratégias personalizadas para atrair esse público. Assim, uma abordagem promissora seria a oferta de carteiras com objetivos específicos, cuja alocação de ativos seria sugerida com base no perfil e nos objetivos das mulheres, tudo facilitado por meio de aplicativo e tecnologia. Contudo, é fundamental ressaltar que o sucesso dessa iniciativa dependerá da construção de uma relação de confiança entre a empresa e as clientes, com transparência e alinhamento claro de objetivos:

De fato, eu sou da área da saúde, da medicina e eu não sei se tenho verdadeiro interesse em disponibilizar meu tempo livre para aprender uma nova área gigantesca do conhecimento e imergir nela. Então assim, não é uma área de interesse, eu acho que o que eu gostaria mesmo, assim, era encontrar uma empresa que passasse tal nível de confiança e tal nível de credibilidade que eu poderia confiar porque os caras não estão só querendo lucrar em cima de mim. Embora eu saiba que exista lucro em cima do que se faz - porque eu estaria terceirizando o serviço, então isso teria um preço - gostaria de saber que esse preço não é exorbitante ou que pelo menos está em acordo com meus objetivos... saber que se quer realmente fazer bem ao cliente porque as finanças deste cliente geram um benefício pra ele mesmo, sabe (ENTREVISTADA 2, 2023, informação verbal).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Ao longo desse trabalho, foram exploradas as temáticas de como as mulheres não investidoras percebem o mercado de investimento, e de como as instituições financeiras podem se beneficiar dessa oportunidade de ampliar seu mercado. Assim, através de uma análise cuidadosa dos dados e de estudos disponíveis, puderam-se extrair importantes achados para o campo financeiro e para a promoção de uma maior inclusão das mulheres nesse universo.

Em primeira análise, observou-se uma falta de interesse das mulheres pela temática de investimentos: as entrevistas conduzidas com mulheres que não trabalham no mercado financeiro revelaram que, embora muitas delas manifestassem um desejo de investir, não tinham o mesmo interesse em compreender o mercado. Para solucionar esse problema, a curto prazo, propõe-se que as empresas adotem estratégias que simplifiquem o processo de investimento e minimizem os esforços necessários.

Resoluções para esse entrave poderiam envolver o uso de assessores confiáveis, que realizassem investimentos em nome das mulheres, ou uso de tecnologia, para se recomendar carteiras de investimento alinhadas aos perfis e objetivos individuais dessas. É possível perceber a importância desse suporte próximo e confiável para o ingresso feminino nesse mercado, uma vez que, conforme a ANBIMA (2023), ao decidir sobre investimentos, as mulheres buscam mais figuras, como gerente, assessor ou amigos e parentes, do que os homens, com percentuais de 28% e 20%, respectivamente.

Ademais, é válido ressaltar que iniciativas como as carteiras recomendadas da Warren Investimentos mostram-se extremamente úteis para simplificar o processo de investimento, já que a tecnologia dessas carteiras oferece uma abordagem inovadora, sugerindo uma seleção otimizada de produtos de investimento com base nos objetivos e perfis individuais de cada cliente (WARREN INVESTIMENTOS, [s.d.]). Além disso, com uma gestão ativa, a experiência é ainda mais simplificada, exigindo do cliente apenas o aporte financeiro na carteira e a definição de seus objetivos e de seu perfil, sendo o restante do processo conduzido pela própria empresa, que fica responsável por realizar os investimentos nos ativos (WARREN INVESTIMENTOS, [s.d.]).

Em segunda análise, os entraves investigados apontaram para a falta de conhecimento como um dos principais obstáculos à participação feminina nos investimentos, sendo que essa falta está intrinsecamente ligada à falta de interesse identificada anteriormente. Porém, é

importante ressaltar que essa problemática está enraizada em estruturas sociais que sustentam a ideia de que alguns espaços são mais destinados a homens e menos próprios às mulheres, requerendo transformações de comportamento e ideário feminino a longo prazo (BOURDIEU, 2003). Assim, a atual exclusão das mulheres dessas discussões ressalta a necessidade de se promover uma mudança cultural para encorajá-las e capacitá-las a ingressarem no mundo dos investimentos. Como possíveis soluções para esse entrave, as instituições financeiras devem priorizar iniciativas educacionais e programas de capacitação específicos para as mulheres, de modo a fornecer o conhecimento e a confiança necessários para que elas tomem decisões informadas e assertivas em relação aos investimentos.

Além disso, é fundamental que essas mulheres tenham contato com esse assunto desde a infância, para criarem uma familiaridade de longo prazo com o assunto, conforme abordado por Souza (2022, p. 1): “A importância de se iniciar esse processo de conscientização e aprendizagem ainda na primeira infância é que, por meio de estímulos, fica mais fácil gerar na criança interesses que irão facilitar a compreensão da educação financeira”. Nesse sentido, é preocupante que, de acordo com pesquisa do C6 Bank (2023), somente 21% dos brasileiros das classes A, B e C (com acesso à internet) tiveram acesso à educação financeira durante a infância.

Assim, constata-se que a abordagem da educação financeira na infância requer uma colaboração entre instituições financeiras e políticas públicas governamentais, sendo um exemplo notável disso a parceria entre o MEC, a CVM e o Sebrae, que resultou na criação do Programa Educação Financeira nas Escolas, em 2021 (BRASIL, 2022). Esse programa tem, como objetivo principal, capacitar 500 mil professores em educação financeira ao longo de três anos.

Ainda sobre o assunto, é importante destacar que, no ano de 2020, a educação financeira foi incorporada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tanto para o ensino infantil quanto para o fundamental (MERCADO EAD, 2022). Dessa forma, percebe-se que cabe ao governo não apenas garantir essa inclusão, mas também implementar políticas que tornem esse processo mais eficaz e com professores mais capacitados.

Uma perspectiva adicional, destacada por uma das entrevistadas, está relacionada à necessidade de superar estereótipos culturais presentes na sociedade:

Entrei na página deles no Instagram e uma das coisas que me chamou atenção é que uma das líderes da empresa, não lembro o nome, era mulher e aparecia bastante na página. Chamou atenção porque é raro ter mulheres nessas empresas em grandes

cargos, pelo menos eu não vejo muito (ENTREVISTADA 1, 2023, informação verbal).

Dessa forma, haver mulheres ocupando posições de liderança nas instituições financeiras tem potencial para ser um tipo de mudança muito importante, pois poderia desempenhar um papel fundamental na transformação da cultura dominante e, ao mesmo tempo, servir como estímulo para que mais mulheres se interessassem por essa área. Sobre outros entraves, a preguiça e o medo de arriscar mostraram-se relevantes, mas estão diretamente relacionados à falta de conhecimento, pois a pesquisa demonstrou que essas barreiras podem ser facilmente minimizadas por meio da ampliação do conhecimento.

Dessa forma, quanto mais as mulheres familiarizarem-se com os princípios de investimento, mais confiantes se tornarão em relação aos riscos e às recompensas associados. Além disso, a preguiça está diretamente atrelada ao esforço necessário para iniciar algo e à falta de motivação, conforme André Buric (*apud* TERRA, 2019), especialista em neurolinguística comportamental:

A preguiça nada mais é que um mecanismo utilizado pelo nosso cérebro quando ele não consegue entender que há um motivo atrativo para você gastar sua energia fazendo aquilo. Quando estamos motivados, agimos para buscar o que nos motiva. Mas sem essa recompensa clara, o cérebro avalia a situação e prefere poupar sua energia para algo mais útil ou recompensador.

Sobre a dimensão "falta de dinheiro", é fundamental enfatizar que na atualidade existe uma gama diversificada de opções de investimento acessíveis, mesmo para as mulheres com recursos limitados, uma vez que existe a possibilidade de se investir em renda fixa ou variável a partir de valores tão baixos quanto R\$1,00 (BRIOSO, 2023). Dessa forma, constatou-se que, apesar de ter mais dinheiro geralmente apontar para mais possibilidades de rendimento, a restrição financeira torna-se verdadeiramente significativa apenas para aquelas mulheres que não conseguem poupar nenhum valor. Nesse contexto, as instituições financeiras desempenham um papel crucial ao desmistificar essa percepção, pois, ao informar e conscientizar sobre a gama de produtos financeiros disponíveis, elas podem possibilitar que as mulheres compreendam que é viável investir independentemente do montante inicial.

A respeito das soluções mencionadas anteriormente, é válido ressaltar que o êxito dessas requer uma sólida confiança das mulheres nas instituições envolvidas, visto que, conforme o resultado das entrevistas realizadas, existem um sentimento de desconfiança e uma percepção de conflito de interesse entre elas e as instituições. Dessa maneira, ao ser

alicerçada nessa confiança, a eficácia das estratégias de *marketing* e de relacionamento assume um papel primordial, já que ter um direcionamento específico para esse público é um fator determinante, sendo através disso que as necessidades particulares desse segmento podem ser devidamente compreendidas e satisfeitas de maneira eficiente, solidificando-se, assim, a base para um engajamento e desenvolvimento de um relacionamento com os clientes para os quais as estratégias foram pensadas (TYBOUT, 2013).

Além disso, do ponto de vista das empresas, isso representa uma oportunidade de mercado significativa, uma vez que tem se demonstrado que as mulheres possuem características que as tornam investidoras competentes, como sua abordagem mais cautelosa, foco em metas de longo prazo, e propensão à pesquisa minuciosa (FREITAG, 2009). Assim, ao reconhecer esse potencial, as companhias podem expandir sua base de clientes e, conseqüentemente, aumentar seus lucros. Ademais, é importante reconhecer que a participação ativa das mulheres no cenário de investimentos não é apenas uma oportunidade para as empresas, mas também uma forma eficaz de reduzir a desigualdade de gênero e promover maior empoderamento, segundo Cortez e Souza (2008, p. 2):

O empoderamento implica, pois, no reconhecimento das restrições sociais a que a categoria está submetida e da necessidade de reversão dessa situação, por meio de mudanças em um contexto amplo/público (inserção em cargos de poder/decisão, educação não sexista e serviços de saúde adequados) e também em contextos mais específicos, ou individuais (aumento de autoestima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico, etc.).

Dessa forma, esse conceito traduz-se no poder encontrado pela mulher ao praticar ativamente ações que lhe dão consciência de liberdade: ao empoderar-se, a mulher quebra barreiras de gênero, tomando atitudes fora do ideário patriarcal e buscando o que deseja, mesmo sendo socialmente impedida direta ou indiretamente. Aplicando-se esse conceito ao contexto desse trabalho, constata-se que é através do acesso e do entendimento dos mecanismos de investimento que as mulheres podem conquistar maior autonomia financeira, reduzir sua dependência econômica e ampliar suas oportunidades.

Por fim, esse estudo, embora traga *insights* valiosos, não está isento de limitações, uma vez que a pesquisa concentrou-se predominantemente em mulheres das classes sociais A e B, o que não é representativo da maioria da população feminina. Dessa forma, percebe-se que as realidades enfrentadas por mulheres de outras classes e demais marcadores sociais, como raça, merecem uma análise mais aprofundada. Por fim, algumas correlações relevantes

entre dimensões investigadas e fatores sociodemográficos, como raça e renda familiar, não puderam ser exploradas, devido a restrições de tempo e número de entrevistas, devendo também ser exploradas em estudos futuros.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, B. C. **Uso de escalas de autorrelato na análise de jogos**. 2011. 147 p. Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3590>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- ALMEIDA, M. **Quem são as mulheres investidoras: e o que falta para esse grupo crescer**. Exame, 2022. Disponível em: <https://exame.com/invest/mercados/quem-sao-mulheres-investidoras-como-evoluir/>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- AMARAL, G.A e VEIRA, A. **A mulher e a tripla jornada de trabalho: a arte de ser beija-flor**. XXXIII Encontro da ANPAD, São Paulo. 2009.
- ANBIMA. **Raio X do Investidor Brasileiro**. [S. l.], 2022. Disponível em: [https://www.anbima.com.br/pt\\_br/especial/raio-x-do-investidor-2022.htm](https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2022.htm). Acesso em: 23 mar. 2023.
- ANBIMA. **Raio X do Investidor Brasileiro**. [S. l.], 2023. Disponível em: [https://www.anbima.com.br/pt\\_br/especial/raio-x-do-investidor-2022.htm](https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2022.htm). Acesso em: 20 jun. 2023.
- ANBIMA. **SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL E PARTICIPANTES DO MERCADO: MATERIAL DE ESTUDOS 1 DA CERTIFICAÇÃO CPA-10**. [S. l.]: ANBIMA, 1 jan. 2018. Disponível em: [https://www.anbima.com.br/pt\\_br/educar/certificacoes/cpa-10/material-de-estudos/material-de-estudos-cpa-10.htm](https://www.anbima.com.br/pt_br/educar/certificacoes/cpa-10/material-de-estudos/material-de-estudos-cpa-10.htm). Acesso em: 18 ago. 2023.
- ARAÚJO, Luiz. **Diferença entre homens e mulheres na Bolsa aumenta em 2023**. 2023. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/comportamento/diferenca-numero-mulheres-e-homens-bolsa-brasil/>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- ANSELMO, J. **Inclusão das mulheres como investidoras na bolsa de valores de São Paulo: limites e ambiguidades**. 1ª ed. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109295/ISBN9788579834769.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- ASSAF NETO, A. **Mercado financeiro**. 11ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2012.B3. **Perfil pessoas físicas: Gênero**. B3. Disponível em: [https://www.b3.com.br/pt\\_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/perfil-pessoas-fisicas/genero](https://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/perfil-pessoas-fisicas/genero). Acesso em: 3 mar. 2023.
- BARBER, B. M.; ODEAN, T. Boys will be boys: gender, overconfidence, and common stock investment. **The Quarterly Journal of Economics**, [s.l.], p. 261–292, fev. 2001.
- BARROS, J. D. A. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARSKY, R. B. *et al.* **Preference parameters and behavioral heterogeneity: an experimental approach in the health and retirement survey.** *National Bureau of Economic Research*, [s.l.], v. 112, n. 2, p. 537-579, mai. 1997.

BAUER, L. **Estimação do coeficiente de correlação de Spearman ponderado.** 2007. 95 p. Dissertação (Mestrado em Medicina) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/11499>. Acesso em: 28 jul. 2023.

BOZZA, Stéfano. **Mulheres no mercado financeiro: um fenômeno ou uma realidade?**. [S. l.], 7 mar. 2022. Disponível em: <https://maisretorno.com/portal/mulheres-no-mercado-financeiro>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conheça o Brasil: População: cor ou raça.** IBGE educa; jovens, 2023. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca>. Acesso em: 4 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Economia. Comissão de Valores Mobiliários. **Programa Educação Financeira nas Escolas.** Portal do Investidor. [Brasília]: Ministério da Economia, 25 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/criancas-e-jovens/programa-educacao-financeira-nas-escolas>. Acesso em: 9 ago. 2023.

BRIOSO, L. **Como investir na Bolsa de Valores com pouco dinheiro: para iniciantes.** Mobills, 2023. Disponível em: <https://www.mobills.com.br/blog/investimentos/como-investir-com-pouco-dinheiro/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

C6 BANK. **Pesquisa C6 Bank/Ibope revela que apenas 21% dos brasileiros tiveram educação financeira na infância.** C6 Bank, 2023. Disponível em: <https://www.c6bank.com.br/blog/pesquisa-c6-bank-ibope-revela-que-apenas-21-dos-brasileiros-tiveram-educacao-financeira-na-infancia>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CARRETE, L. S.; TAVARES, R. **Mercado Financeiro Brasileiro.** 1ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2019.

CASTRO, J. **A diferença entre homens e mulheres no mercado financeiro na perspectiva das mulheres.** 2018. 40 p. Monografia (Graduação em Administração) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/37519/37519.PDF>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CEMEC FIPE. **Indicadores CEMEC Fipe.** CEMEC Fipe, 2023. Disponível em: <https://cemecfipe.org.br/produtos-cemec>. Acesso em: 1 jun. 2023.

COELHO, L. Finanças conjugais, desigualdades de gênero e bem-estar: Facetas de um Portugal em crise. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, Coimbra, v. 111, p. 59-80, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/6461>. Acesso em: 14 jun. 2023.

COLLINI, I. P. **Mulheres no Mercado Financeiro: Um olhar sob a ótica de gênero.** 2014. 51 p. Monografia (Graduação em Economia) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/271213377\\_Mulheres\\_no\\_Mercado\\_Financeiro\\_-\\_Um\\_olhar\\_sob\\_a\\_otica\\_de\\_genero\\_Monografia](https://www.researchgate.net/publication/271213377_Mulheres_no_Mercado_Financeiro_-_Um_olhar_sob_a_otica_de_genero_Monografia). Acesso em: 13 jul. 2023.

CORTEZ, M. B.; SOUZA, L. Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 171-180, 2008.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. **Pesquisa de Métodos Mistos**. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

DEBOIS, Stefan. **9 vantagens e desvantagens dos questionários**. [S. l.], 28 fev. 2017. Disponível em: <https://pointerpro.com/pt/blog/9-vantagens-e-desvantagens-dos-questionarios/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Equidade. *In*: Michaelis, **Dicionário Online de Português**. Melhoramentos, 2023. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=equidade/>>. Acesso em: 18/08/2023.

ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO DE VISEU. **Coefficiente de Correlação Ró de Spearman**:  $\rho$ . Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu, [s.d.].

Disponível em:

<http://www.estgv.ipv.pt/PaginasPessoais/malva/TratamentoEstatistico%20de%20dados/Coefficiente%20de%20Correlação%20Ró%20de%20Spearman.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2023.

ESTIMA, A. V. **Fatores determinantes para os jovens começarem a investir**. 2018. 60 p. Monografia (Graduação em Administração) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/195028>. Acesso em: 11 abr. 2023.

FERREIRA, J. C.; PATINO, C. M. O que realmente significa o valor-p? **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, [s.l.], v. 41, n. 5, p. 485-485, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpneu/a/SWk5XsCsXTW7GBZq8n7mVMJ/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2009. *E-book*. ISBN 9788536321356. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536321356/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FLOREZ, F. **A woman's place is in the hedge fund?** Evidence suggests women tend to make more successful investors than men. ACCA, 2017. Disponível em: <https://www.accaglobal.com/gb/en/member/member/accounting-business/2017/03/insights/women-investing.html>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FREITAG, A. C. **Um Estudo da Confiança de Jovens Investidores de Porto Alegre/RS e Região Metropolitana no Mercado Acionário Brasileiro**. 2009. 142 p. Monografia (Graduação em Administração) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19127>. Acesso em: 14 mar. 2023.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Bancos**. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/bancos.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2023.

GALÃO, F. P.; CRESCITELLI, E. Planejamento e implantação da comunicação de *marketing*: uma análise comparativa entre teoria e prática. **REGE**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 435-452, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809227616301278>. Acesso em: 16 mai. 2023.

GARCIA, M. G. F. P. D. **Estudos sobre o princípio da igualdade**. Coimbra: Almedina, 2005.

GERMANO, M. F. **Mulheres no mercado financeiro**: uma análise dos fatores que contribuem na decisão de alunas da Escola de Administração da UFRGS a investirem. 2022. 57 p. Monografia (Graduação em Administração) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/255851>. Acesso em: 16 mai. 2023.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GRUPO AMANHÃ. **Top of Mind**: As Marcas do Rio Grande. Grupo Amanhã, 2023. Disponível em: <https://amanha.com.br/lp/top-of-mind>. Acesso em: 27 jul. 2023.

GOMES, Magno Rogério; SOUZA, Solange de Cassia Inforzato de. ASSIMETRIAS SALARIAIS DE GÊNERO E A ABORDAGEM REGIONAL NO BRASIL: uma análise segundo a admissão no emprego e setores de atividade. **Revista de Economia Contemporânea**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 22-25, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/wBQQb6mtJwCbzpbDW979gTs/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

INFOMONEY. **Classes D e E continuarão a ser mais da metade da população até 2024, projeta consultoria**. InfoMoney, 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

INFOMONEY. **Poupança**: entenda como funciona o rendimento e saiba quando deixar de lado. InfoMoney, 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/guias/poupanca>. Acesso em: 18 jan. 2023.

ITAÚ UNIBANCO. **Millennials**: Unravelling the Habits of Generation Y in Brazil. [S. l.], 15 ago. 2019. Disponível em: <http://www.itaubaresearch.com/User/ReadEmailLink/?guid=d1763af8-0273-4e46-861f-5d7e86274173&cid=003460000101tZ7AAI>. Acesso em: 2 ago. 2023.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect Theory: An Analysis of Decision under Risk. **Journal Of The Econometric Society**, v. 47, n. 2, p. 263-292, mar. 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1914185?origin=JSTOR-pdf&seq=5>. Acesso em: 7 fev. 2023.

LEWGOY, J. **Número de mulheres investidoras aumenta no país, mas elas ainda são minoria**. Valor Investe, 2023. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/hora-de-investir/noticia/2023/03/08/numero-de-mulheres-investidoras-aumenta-no-pais-mas-elas-ainda-sao-minoria>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LIMA, J. M. O. **Perfil das Mulheres Investidoras no Distrito Federal**. 2022. 30 p. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32053/1/2022\\_JoyceMayaraOliveiraDeLima\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32053/1/2022_JoyceMayaraOliveiraDeLima_tcc.pdf). Acesso em: 13 jun. 2023.

LOFTON, L. **Warren Buffett Invests Like a Girl: And Why You Should Too**. Nova Iorque, NY: Harper Collins, 2011. 272 p.

MACHADO, J. P. **Análise do aumento do número de investidores na B3, a bolsa de valores brasileira, entre janeiro de 2018 e março de 2023**. 2023. 43 p. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: [https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6101/1/Mono%20finalizada\\_Jurailde.pdf](https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6101/1/Mono%20finalizada_Jurailde.pdf). Acesso em: 24 mai. 2023.

MARIA, THAIS REGINA. **GÊNERO E FINANÇAS: as investidoras na bolsa de valores brasileira**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina, [S. l.], 2021.

MENDONÇA, F. S. **Os scripts de gênero da educação infantil**. 2017. 38 p. Monografia (Graduação em Pedagogia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/200506>. Acesso em: 11 abr. 2023.

MERCADO EAD. **A BNCC e a Educação Financeira nas escolas: e agora?** Mercado Ead, 2022. Disponível em: <https://www.mercadoead.com/post/bnccfinanceiro>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

MILGRAM, N.; MARSHEVSKY, S.; SADEH, C. Correlates of academic procrastination: discomfort, task aversiveness, and task capability. **The Journal of Psychology**, v. 129, n. 2, p. 145-155, 1995. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00223980.1995.9914954>. Acesso em: 26 jul. 2023.

MISHKIN, F. S. **Moeda, bancos e mercados financeiros**. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Ltc, 1998.

MOTA, J. S. Utilização do google forms na pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 12, p. 372-380, 2019. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 30 jun. 2023.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 49-55, já./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkpBDpL4Xn>. Acesso em: 14 fev. 2023.

NIELSEN, J. **Risks of Quantitative Studies**. Nielsen Norman Group, 2004. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/risks-of-quantitative-studies/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

NÓVOA, A. Universidade e formação docente. [Entrevista cedida a] Miriam Celí Pimentel Porto Foresti e Maria Lúcia Toralles Pereira. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, v. 7, p. 129-138, ago. 2000.

NUSSBAUM, M. C. **Las mujeres y el desarrollo humano**. 2ª ed. Barcelona: Herder Editorial, 2012.

OLIVEIRA, J. J. **O novo mercado da BM&FBOVESPA e o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro**. 2009. 134 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18876>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS MULHERES – ONU MULHERES. **Princípios de empoderamento das mulheres**. 2017. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha\\_ONU\\_Mulheres\\_Nov2017\\_digital.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_ONU_Mulheres_Nov2017_digital.pdf). Acesso em: 15 ago. 2023.

PILAGALLO, O. **A Bolsa na estrada**: a história da campanha para popularizar o mercado de ações. São Paulo, SP: Bovespa, 2003.

PINNO, B. R. *et al.* MULHERES NAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS: PESQUISA SOBRE EQUIDADE DE GÊNERO NO AMBIENTE EMPRESARIAL. *Revista Mundi*, [S. l.], v. 4, p. 51-78, 13 ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifpr.edu.br/index.php/MundiSH/issue/view/33>. Acesso em: 12 jul. 2023.

REDAÇÃO WARREN. **Como o conflito de interesses atrapalha seus investimentos**. [S. l.], 25 jun. 2020. Disponível em: <https://warren.com.br/magazine/como-os-conflitos-de-interesse-atrapalham-seus-investimentos/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RICHARDSON, R. J. *et al.* **Pesquisa social**: Métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2012.

RODRIGUEZ, Guadalupe. **Quem é mais racional ao investir, homens ou mulheres?**. [S. l.]: Forbes EUA, 1 ago. 2023. Disponível em: Quem é mais racional ao investir, homens ou mulheres? Leia mais em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/08/equilibrando-emocoes-e-financas-o-segredo-do-sucesso-nos-investimentos/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

SALLES, E. F. **Fatores que influenciam a percepção de autoeficácia financeira da investidora brasileira**: uma perspectiva geracional. 2021. INSERIR Nº DE PÁGINAS. Dissertação (Mestrado em Comportamento do Consumidor) — Escola Superior de Propaganda e Marketing, INSERIR LOCAL, 2021.

SALTZMAN, J. **Equidad y género**: una teoría integrada de estabilidad y cambio. Madri: Cátedra, 1992.

SAUNDERS, A.; WALTER, I. **Universal Banking in the United States**: What could we gain? What could we lose? 1ª ed. Nova Iorque, NY: Oxford University Press, 1994.

SAVOIA, M. G. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

SIEGEL, S.; CASTELLAN JÚNIOR, N. J. **Estatística não-Paramétrica Para Ciências do Comportamento**. 2 ed. São Paulo: ArtMed, 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SOCIAL FINANCE PROGRAMME. **Social Finance Annual Report 2018**. [S. l.], 2018. Disponível em: [https://www.ilo.org/empent/areas/social-finance/WCMS\\_716114/lang--en/index.htm](https://www.ilo.org/empent/areas/social-finance/WCMS_716114/lang-en/index.htm). Acesso em: 2 ago. 2023.

SOUZA, R. **Processo de educação financeira e seus reflexos na vida adulta**. Ministério da Economia, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/penso-logo-invisto/processo-de-educacao-financeira-e-seus-reflexos-na-vida-adulta>. Acesso em: 9 ago. 2023.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2011. *E-book*. ISBN 9788563899330. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788563899330/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

STATKAT. **Mann-Whitney-Wilcoxon test**. Statkat, 2023. Disponível em: <https://statkat.com/stat-tests/mann-whitney-wilcoxon-test.php>. Acesso em: 27 jul. 2023.

TERRA. **Especialista explica a preguiça no cérebro, e mostra como é possível eliminá-la**. Terra, 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/especialista-explica-a-preguica-no-cerebro-e-mostra-como-e-possivel-elimina-la>. Acesso em: 8 ago. 2023.

TYBOUT, Alice M. **Marketing**. [Digite o Local da Editora]: Editora Saraiva, 2013. *E-book*. ISBN 9788502213623. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502213623/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

VALENTIM, Monica Geraldí. **Preguiça: um problema da adolescência negligenciado pela pesquisa**. 2006. 107 p. Tese (Doutorado em Medicina) — Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104680>. Acesso em: 26 jul. 2023.

VIEZZER, M. A equidade de gênero na auto gestão cooperativista. In: BRASIL. Ministério Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. **Cooperativismo de gênero**. Brasília: Mapa/ACS, p. 81-99, 2009.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/issue/view/459>. Acesso em: 13 jun. 2023.

VIRGILLITO, S. B. **Estatística aplicada**. 1ª ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2017.

WARREN INVESTIMENTOS. **Carteiras**: o jeito inteligente de investir nos seus objetivos. Warren Investimentos, [s.d.]. Disponível em: <https://warren.com.br/carteiras/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

WEBB, Robert; BRAHMA, Sanjukta. **Mercados Financeiros - Série Express**. [Digite o Local da Editora]: Editora Saraiva, 2015. *E-book*. ISBN 9788502635074. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502635074/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

WILNER, A. **Conflitos de interesses entre investidor e administrador de fundos: evidências e mecanismos de controle no Brasil**. 2000. 137 p. Dissertação (Mestrado em Administração) — Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2000.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2022**: Insight Report. Geneva: World Economic Forum, 2022.

XP EDUCAÇÃO. **Por que o mercado financeiro cresce tanto? Nós explicamos!** XP Educação, 2022. Disponível em: <https://blog.xpeducacao.com.br/por-que-o-mercado-financeiro-cresce-tanto>. Acesso em: 25 jan. 2023.

## APÊNDICE A — Perguntas do questionário (pesquisa quantitativa)

1. Você está de acordo com as informações acima?
2. Você se identifica com o gênero feminino e mora em Porto Alegre, Rio Grande do Sul?
3. Você investe atualmente?
4. Qual seu ano de nascimento?
5. De acordo com os critérios do IBGE para raça/cor, você se declara uma pessoa?
6. Qual seu estado civil?
7. Você possui dependentes? Se sim, quantos?
8. Qual seu grau de escolaridade?
9. Qual a soma dos seus rendimentos individuais?
10. Qual a soma dos rendimentos de todos que moram com você?
11. Qual percentual da sua renda mensal você consegue guardar normalmente?
12. Onde você costuma guardar esse dinheiro?
13. Indique abaixo o grau de concordância com as razões para você não investir o seu dinheiro, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente [Falta de dinheiro]
14. Indique abaixo o grau de concordância com as razões para você não investir o seu dinheiro, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente [Falta de conhecimento e orientação]
15. Indique abaixo o grau de concordância com as razões para você não investir o seu dinheiro, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente [Medo de arriscar (insegurança)]
16. Indique abaixo o grau de concordância com as razões para você não investir o seu dinheiro, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente [Falta de interesse]
17. Indique abaixo o grau de concordância com as razões para você não investir o seu dinheiro, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente [Experiência ruim com agentes financeiros]
18. Indique abaixo o grau de concordância com as razões para você não investir o seu dinheiro, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente [Preguiça de iniciar]
19. Você gostaria de começar a investir seu dinheiro para obter lucro maior sobre o valor guardado? Imagine um cenário que não fosse difícil fazer esse investimento.

## APÊNDICE B — Roteiro da entrevista exploratória (pesquisa qualitativa)

1. Atualmente, como você percebe o Mercado de Investimentos? Quais são as suas principais percepções? E como você avalia as instituições financeiras?
2. Você já considerou começar a investir? Se sim, poderia compartilhar sua experiência e explicar os motivos pelos quais você não prosseguiu?
3. Quais são os principais motivos que impedem você de investir atualmente?
4. Na sua opinião, qual é a importância de investir? Por que você acha que é importante ou não é importante?
5. Quando você pensa em uma instituição financeira para investir, o que vem à mente? Existe alguma empresa específica que você consideraria para investir? Por quê? Lembra de alguma ação que ela ou outra instituição tenha feito que chamou sua atenção?
6. Como você avalia seu nível de conhecimento sobre investimentos? Você acredita que adquirir mais conhecimento sobre o assunto poderia ajudá-la a investir?
7. Na sua opinião, investir no Mercado de Investimentos é arriscado? Por que você pensa assim?
8. Você acredita que precisaria de mais recursos financeiros para investir? Onde você costuma guardar o dinheiro que sobra atualmente? Além disso, como você realiza a organização financeira e o controle dos gastos e receitas em sua vida?
9. Supondo que você tenha superado todos os outros obstáculos, você acha que teria algum nível de preguiça em iniciar?
10. Entre os seguintes quatro motivos (falta de conhecimento, medo de arriscar, falta de dinheiro e preguiça), qual você considera ser o principal obstáculo para você investir? Por quê?